

Amanda Cristina Mezzena

**SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO
CULTURAL?**

CELACC/ECA-USP
2012

Amanda Cristina Mezzena

SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO CULTURAL?

Trabalho de conclusão do curso de
Gestão de Projetos Culturais e
Organização de Eventos, sob
orientação da prof^a. Fabiana Felix
do Amaral e Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre colocou em minha vida grandes oportunidades de crescimento.

A minha família com quem sei que posso contar e que sempre me apoiou em todos esses anos.

Especialmente à Professora Fabiana Felix do Amaral e Silva, por sua paciência e disposição em me ajudar sempre e me fazer crer que seria possível.

Minha amiga Helenice Camargo Henne por me mostrar que o Saci era um bom tema a ser discutido e a todas as minhas companheiras de CELACC pelo aprendizado compartilhado.

A todos que colaboraram nessa pesquisa por me receberem tão receptivamente e participarem das entrevistas, em especial ao José Oswaldo Guimarães e todos da Associação Nacional dos Criadores de Saci, as artesãs, as pessoas da Secretaria de Turismo de Botucatu e ao Grupo de Teatro Notívagos Burlescos.

Minha amiga Marísia Poli por me auxiliar na revisão desse trabalho e meu amigo Reinaldo André Rodrigues pelas traduções.

Especialmente ao Tiago Amaral, pelo carinho, compreensão e apoio sempre.

RESUMO

Este trabalho discute as novas possibilidades construídas pelo mito do Saci na cidade de Botucatu, a fim de compreender dentro do processo de hegemonia e consenso como acontecem os processos hegemônicos, identificando se o Festival Nacional do Saci está incluído dentro dele. Ao tomar como objeto de estudo o Saci, buscou-se compreender por que ele causa tanta divergência entre os moradores de Botucatu e levantou-se a hipótese de que existe a emergência de um novo sentido para a Festa do Saci, avaliando as práticas culturais e comunicacionais, resultantes como campo de fortalecimento dos laços identitários das comunidades locais envolvidas.

Palavras-chave: Saci, Cultura Popular, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

ABSTRACT

This paper discusses the new possibilities constructed by Saci myth in the city of Botucatu, in order to understand in the process of hegemony and consensus how the hegemonic processes occur, identifying if the National Festival of Saci is included within it. Taking as an object of study, the Saci, seeking to understand why it causes so much detergency between the Botucatu citizens and raised the hypothesis that there is the emergence of a new comprehension for the Saci's Fest, evaluating cultural practices and communication as a result of the field strengthening of links identity of local communities involved.

Keywords: Saci, Popular Culture, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

RESÚMEN

Este artículo analiza las nuevas posibilidades construidas por el mito del Saci en la ciudad de Botucatu, a fin de comprender dentro del proceso de hegemonía y consenso como se producen los procesos hegemónicos, identificando si el Festival Nacional do Saci está incluido dentro de él. Tomando como objeto de estudio el Saci, trató se de comprender por qué causa tanto conflicto entre los habitantes de Botucatu y planteó la hipótesis de hay el surgimiento de un nuevo sentido para la Festa do Saci, evaluando las prácticas culturales y de comunicación resultantes como un campo de fortalecimiento de los vínculos de identidad de las comunidades locales involucradas.

Palabras clave: Saci, Cultura Popular, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONFLITOS E POSSIBILIDADES	10
1.1. HEGEMONIA, NEOLIBERALISMO E TURISMO EMANCIPADOR	10
1.2. BOTUCATU E O SURGIMENTO DE UM MITO.....	12
2. AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI	14
2.1. A MISCIGENAÇÃO DO SACI	14
2.2. SACI LOBATIANO: UMA FORMA DE DOMINAÇÃO?	16
2.3. MIGRAÇÃO DO SACI PARA BOTUCATU	18
2.4. SACI COMO POSSIBILIDADE	19
3. METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS.....	21
4. FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO	23
4.1. MASSIVO E POPULAR: O SACI QUE TRANSITA ENTRE AS CLASSES SOCIAIS	23
4.2. SACI COMO MEMÓRIA, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS.....	36

SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO CULTURAL?

Amanda Cristina Mezzena¹

INTRODUÇÃO

Botucatu é uma cidade localizada na região central do Estado de São Paulo, na margem sul do rio Tietê, distante aproximadamente 234 quilômetros da capital. Situada nos altos de uma elevação a qual os geógrafos e geólogos chamam de cuesta (também conhecida como Serra de Botucatu), possui muitas matas ainda preservadas, o que lhe confere um alto potencial para o crescimento do ecoturismo.

O mito do saci foi introduzido em Botucatu através da Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCS), uma organização anárquica formada por pessoas da cidade que começaram a divulgar que criavam saci na Serra de Botucatu.

Alguns deles apareceram na mídia e foi quando surgiu certa polêmica, por alguns moradores não terem gostado e nem concordado com o título de “terra do Saci” conferido a cidade.

No entanto, esse assunto fez surgir uma discussão não só sobre o saci, como sobre o folclore em geral, criando assim o Festival Nacional do Saci.

A festa foi incluída no calendário da cidade e apoiada pela prefeitura, através da Secretaria da Cultura, movimentando o artesanato e a culinária local. Porém, com a mudança de governo, a festa deixou de fazer parte do calendário oficial, sendo substituída pela Feira do Folclore, o que gerou uma organização dos artesãos que conseguiram alguns patrocínios e eles mesmos realizaram a festa, fazendo com que a prefeitura voltasse a organizá-la, agora através da Secretaria do Turismo, que vislumbrou uma possibilidade de aumentar o potencial turístico da cidade, explorando o tema como um produto cultural.

¹ Propagandista e publicitária. Graduada em Publicidade e Propaganda pela UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Administração pela UNINOVE de Botucatu e cursando pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos no CELACC/USP, em São Paulo.

E-mail: amandamezzena@yahoo.com.br

Artigo produzido sob a orientação da Prof^ª Ms^ª Fabiana Felix do Amaral e Silva.

O evento, desde o começo, contou com o apoio da Associação Nacional dos Criadores de Saci, que com seu crescimento acabou influenciando o surgimento de outras associações como a Associação Nacional dos Criadores de Lobisomem, existente em Joanópolis, no interior de São Paulo.

Assim essa pesquisa teve como objetivo geral compreender dentro do processo de hegemonia e consenso, como acontecem os processos hegemônicos, a fim de identificar se a festa está incluída ou não dentro dele.

Para isso buscou-se aliar o conhecimento teórico com o trabalho de campo e a contextualização histórica do tema através dos capítulos que se seguem.

No primeiro capítulo – CONFLITOS E POSSIBILIDADES – buscou-se fazer um levantamento teórico sobre hegemonia e consenso existentes na cultura popular e o surgimento do saci em Botucatu.

No segundo capítulo – AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI - buscou-se especificar a figura do saci, desde sua origem até o surgimento do mito em Botucatu e como ele pode ser utilizado como uma cultura alternativa que crie laços identitários com a população.

No terceiro capítulo – METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS – demonstra-se a metodologia utilizada no trabalho de campo e como essas informações se relacionam com a teoria, transformando-se e evoluindo para outro conflito ainda não discutido.

No quarto capítulo – FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO – pretende-se construir um novo olhar através da análise de dados recolhidos no trabalho de campo, mostrando toda a transformação por que passou o mito desde sua origem até os dias atuais, assim como ele se transformou para resistir ao tempo e como ele pode ser utilizado de forma criativa pela população que se apropriou da lenda.

1. CONFLITOS E POSSIBILIDADES

1.1. HEGEMONIA, NEOLIBERALISMO E TURISMO EMANCIPADOR

O mundo atual encontra-se em processo de transformação, porém ainda é movido pela acumulação de dinheiro, já que está inserido em uma sociedade capitalista dominante.

Emir Sader (2009) considera que vivemos um momento contraditório, onde de um lado encontra-se um modelo hegemônico imperialista e capitalista, que tem demonstrado seu esgotamento, e do outro se encontram os modelos alternativos com dificuldades de se impor.

A hegemonia neoliberal surge com o rompimento do projeto do Estado de bem-estar social, focando seu discurso ideológico na retomada do liberalismo clássico do século XIX, defendendo, entre outras medidas, o controle dos gastos públicos, o arrocho salarial, o desmonte do Estado de bem-estar social e um amplo processo de privatização. (SADER, 2009)

De início os resultados não apareceram como esperado, assim sua consolidação só se deu quando, diante do quadro de crise em que se encontrava, fizeram-se ajustes que moldaram os ideais neoliberais às novas demandas. Assim, o Estado assumiu uma função reguladora das atividades econômicas, atuando em parceria com o setor privado.

No entanto, no final da década de 1990, esse modelo entra em crise por demonstrar que não é possível um crescimento contínuo, devido à contradição do modo de produção capitalista, pela impossibilidade de conciliar o projeto de emancipação social e a intensificação da acumulação do capital. (SADER, 2009)

Devido ao capitalismo, o dinheiro tomou o lugar do humanismo e passou a ser o motor da vida econômica e social, desencadeando uma aceleração da globalização, na qual o homem deixou de ser o centro do mundo dando lugar ao que Milton Santos chama de “dinheiro em estado puro”. (SANTOS, 2010: p. 38)

Junto ao neoliberalismo, à produção em série e às inovações tecnológicas, surge a globalização, que trouxe consigo a tendência da padronização, muitas vezes imposta pela mídia, que tende a levar à extinção das diversidades culturais espalhadas pelo mundo, transformando todas em um padrão único a ser seguido.

Milton Santos acredita que a globalização pode dar origem a três mundos: o da globalização como fábula, ou seja, o mundo da forma como nos fazem vê-lo, o da

globalização como perversidade, ou como ele é de fato e ainda uma outra globalização, traduzida no mundo como ele pode ser. (SANTOS, 2010: p. 18)

Para ele o mundo como fábula se dá através da ideia de aldeia global, levando a crer que a difusão instantânea acontece pela intermediação de objetos e não da interação entre as pessoas.

Dessa forma o que é veiculado pelos meios de massa ao invés de informar, confunde, não passando de uma interpretação interessada, já que os veículos de comunicação pertencem a pequenos grupos de uma classe dominante.

Milton Santos (2010) vê a “mutação tecnológica” como a emergência das técnicas da informação, sendo essas diferentes da técnica das máquinas e adaptáveis a todos os meios e culturas, acreditando que quando essas técnicas forem democratizadas elas trabalharão a serviço do homem e não aos interesses do capitalismo através de seu uso perverso de hoje. Já a “mutação filosófica” será capaz de atribuir um novo sentido à vida das pessoas.

Tendo como base esse modelo neoliberal, pode-se dizer que a expansão do turismo em escala global se deu devido ao aumento de tempo disponível juntamente com a circulação de capital. Henrique Alckmin Prudente (2010), em sua tese de doutorado, atribui esse fato à introdução da automação industrial e as crescentes reduções da jornada de trabalho, fatores que contribuíram para o “aumento de horas liberadas da ocupação formal do emprego clássico.” (p.71)

O turismo visto como fator de desenvolvimento sustentável, forças geradoras de divisas e ambientalmente concebido, torna-se uma ilusão diante de um cenário global em que são contemplados interesses adversos articulados com a geração da mais-valia e da exploração das comunidades receptoras. Ao mesmo tempo o lazer de cunho emancipador revela-se em uma possibilidade tênue devido à inserção do próprio lazer no sistema do capital a partir do instante em que são estabelecidas as mediações predatórias entre o repertório hegemônico e certos segmentos sociais seduzidos diante das ilusões paridas pelo mercado de consumo. (PRUDENTE, 2010: p. 72)

O processo de globalização influencia a economia, a cultura, o turismo, as relações interpessoais, assim como todos os aspectos da vida do ser humano. Milton Santos (2010) mostra como as pessoas são atingidas de formas diferentes por esse fenômeno. Para ele “a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural.” (p. 143) É possível notar ainda como a cultura de massas busca homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular da mesma forma que é possível ver as reações dessa cultura popular.

De encontro a isso, Ferreira (1997) demonstra como as culturas subalternas intercalam culturas adaptando-as ao seu cotidiano:

...a cultura subalterna refuncionaliza as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano. Daí resulta que as classes subalternas estruturam o seu mundo a partir de uma coexistência não harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com outras culturas e ideologias. Como resultado desse exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convivem a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais, em combinação com as características culturais geradas pela sua condição de classe oprimida. (FERREIRA, 1997, p. 33)

Prudente afirma que o cotidiano potencializa a resistência cultural, gerando e ampliando a consciência dessa população autóctone, que implanta a identidade cultural como fomentadora do turismo emancipador, promovendo a verdadeira cidadania, gerando condições de vida favoráveis para inserir essa população em um circuito econômico que propicie rendimento e empregabilidade às comunidades locais, quebrando o circuito de exploração do turismo predatório. (PRUDENTE, 2010: p. 83-84)

1.2. BOTUCATU E O SURGIMENTO DE UM MITO

Na década de 1830, o café expandiu-se muito pelo Brasil, tornando-o responsável por metade da produção mundial. Esse fato contribuiu para a criação de ferrovias que ligassem as novas cidades produtoras de café e suas fazendas aos portos de Santos e Rio de Janeiro.

Botucatu localiza-se em uma região que fazia parte do ciclo do café, tendo como referência a Fazenda Lageado, que no início dos anos 1930 foi comprada pelo Governo Federal através do Departamento Nacional do Café, que instalou uma Fazenda Experimental do Café, colocada à disposição do Ministério da Agricultura, a qual funcionou por mais de trinta anos até ser cedida para utilização e instalação de algumas das atividades da Faculdade de Agronomia, integrante da FCMBB (Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas), hoje pertencente a UNESP. (FIGUEIROA, 2007)

Maressa de Freitas Vieira (2009), em sua tese de doutorado apresentada à USP (Universidade de São Paulo), afirma que o saci está presente nas narrativas orais vivenciadas nas fazendas de café, as quais possuíam muita mão-de-obra de escravos negros e que, ao utilizar a estrada de ferro para escoar a produção, escoavam também as histórias desse ambiente.

Algumas pessoas de Botucatu vivenciaram essa fase das fazendas de café e das histórias de saci, contadas pelos antigos moradores, no entanto com a chegada da energia

elétrica, com o crescimento da cidade e com a crise do café, essas histórias começaram a desaparecer até que um grupo começou a comentar que “criava” saci na cidade e organizou o Festival Nacional do Saci.

Esse evento deu origem a uma polêmica em Botucatu, devido parte da população não identificar a figura do saci como pertencente ao imaginário local. Assim, levando em conta o processo do turismo cultural, esse trabalho teve como base o questionamento se o saci foi imposto como identidade municipal ou se houve um grupo que se apropriou desse mito para desenvolver um circuito econômico sustentável que leve a um turismo emancipador, considerando sempre qual o sentido do saci para Botucatu.

De acordo com Canclini (1988) o modo de produção capitalista estabelece novas estratégias de exercício de hegemonia a partir da construção de consensos sociais, que de um lado é garantido pelo acesso desigual aos capitais econômicos sociais culturais dos setores hegemônicos e subalternos e por outro uma nova possibilidade é redesenhada para a compreensão dos processos de reconstrução da esfera pública a partir do campo das culturas populares que ao garantirem uma maior visibilidade configuram-se como campo para discussão de um projeto alternativo de sociedade.

Portanto, essa pesquisa buscou avaliar este quadro na realidade de Botucatu e compreender o Festival Nacional do Saci, assim como as práticas e comunicações resultantes como objeto de estudo científico avaliando-a tanto como mercadoria para expansão do turismo, como para compreender o seu potencial como portadora de ações concretas na construção da cidadania e no fortalecimento de laços sociais e identitários.

2. AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI

2.1. A MISCIGENAÇÃO DO SACI

Luis Câmara Cascudo, em seu livro “Geografia dos Mitos Brasileiros”, afirma que os mitos no Brasil derivam de três origens essenciais: a portuguesa, a indígena e a africana. Segundo o autor, os portugueses, através dos bandeirantes levaram a todo país, seus mitos e sua herança de origem peninsular. Os índios, ao acompanharem os bandeirantes, foram nomeando os lugares por onde passavam e “seus mitos, logicamente, foram os primeiros catalogados e logo confundidos com os dos portugueses.[...] completando-se aqui, avivando características além.” (CASCUDO, 2002: p. 51) Já o negro tinha a base de seus mitos na religião, inseridos em um contexto cheio de rituais e cerimoniais.

O pesquisador do folclore nacional completa ainda que nossos mitos são de “movimento”, pois estão relacionados às bandeiras e ao desbravamento de um mundo desconhecido.

Dessa forma ele considera o mestiço, não em sua conceituação étnica, mas o “filho de pais de raças diversas”, quem melhor disseminou os mitos nacionais Brasil afora, acompanhando as “bandeiras”, realizando “inconscientemente a miscigenação dos mitos”. (CASCUDO, 2002: p.54)

Um dos mitos mais famosos no Brasil é o saci, figura mítica que passou por diversas transformações simbólicas, ganhando visibilidade através da literatura de Monteiro Lobato e de sua apropriação pela mídia, que gerou diversas discussões sobre o assunto.

O Dicionário do Folclore Brasileiro descreve o saci como um

negrinho com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto.[...] Há muita documentação sobre o Saci. Os cronistas do Brasil colonial não o mencionam. Parece ter nascido no século XIX ou final do antecedente. É conhecido também como Matintapereira, Maty, Saci-Pererê. As informações sobre o mito são muito controvertidas: pode surgir como assombração ou visagem, assustando as pessoas. Às vezes torna-se mulher ou se transforma em passarinho assobiador. (CASCUDO, 2001: p.610)

Câmara Cascudo (2002) relata a ausência do saci nas narrativas de cronistas do Brasil colonial que descreveram vários mitos que encontraram nos primeiros séculos da colonização, o que o faz crer que ele seja uma invenção dos Tupi-Guaranis, tendo vindo pelo Paraguai-

Paraná, zona do centro de dispersão desse povo, já que sua presença é mais forte no sul que no nordeste do país e suas tradições são mais vivas nos países que circundam o Brasil. Uma característica que o autor julga bem brasileira é o uso do fumo, já que o indígena ensinou o colono a fumar, o que reforça sua tese do saci ser uma criação indígena.

Várias são as narrativas sobre o saci pelo mundo. O próprio Cascudo descreve relatos de saci ou seres muito parecidos a ele em várias partes do globo como Argentina, Uruguai, Paraguai, Alemanha, Portugal, entre outros, sendo que em cada local ele tem a sua particularidade, em alguns, por exemplo, ele aparece como ave, o *Tapera naevia*, popularmente conhecido como Peitica, Sem-Fim, Mati-taperê, Matinta-Perera, dependendo da região.

Evandro Camargo, em sua tese de doutorado, ao analisar os estudos sobre o saci ave, afirma que:

Justamente por seu caráter agourento e por seu canto desnorteante, o saci ave é, muitas vezes, confundido com outro mito ornitológico do mundo amazônico: a matintapereira, ou mati-taperê. Algumas aves que são apontadas como sendo a matinta são também consideradas como sendo o saci, como a Tapera Naevia já mencionada ou a Cuculus caianus, tidas, simultaneamente, tanto como saci quanto como matinta. Algumas dessas aves, como observam seus estudiosos, têm o curioso hábito de pousarem sobre uma só perna, dando a impressão de serem unípedes, aliás, como o saci moleque. (CAMARGO, 2006: p. 149-150)

Na Argentina, no Uruguai e no Paraguai o saci, conhecido também como Yacy-Yateré, é vermelho, anão e possui um bastão de ouro ou varinha mágica (atributo europeu) com funções semelhantes à carapuça vermelha do saci relatado no Brasil. (CASCUDO, 2002)

Na Europa existem vários duendes e seres poderosos que se assemelham ao saci nas suas travessuras e vivem assombrando os homens como o Kodolde, os Elfos, os Gobelins, entre tantos outros.

Em vários depoimentos recolhidos por Monteiro Lobato em “O Saci-Pererê, Resultado de um Inquérito”, o saci aparece com a mão furada, o que, como demonstra Vieira, em sua tese de doutorado, é uma influência das narrativas portuguesas sobre o Pesadelo, também conhecido como Fradinho da mão-furada, diabo com a mão pesada que usa um barrete vermelho na cabeça como o saci e a ele são atribuídos os grandes pesadelos. (VIEIRA, 2009: p. 30)

Como pode se notar, o saci em sua origem não é apenas aquele moleque travesso de uma perna só que a mídia nos apresenta. Há relatos de que ele é um ser demoníaco, peludo, com chifre e rabo, que cheira enxofre, como aponta Vieira (2009) em sua tese, o que

demonstra que ele sofreu várias alterações até se tornar a figura tão conhecida pelos brasileiros de hoje. (p. 59)

2.2. SACI LOBATIANO: UMA FORMA DE DOMINAÇÃO?

Tantas são as controvérsias sobre o saci que há quem diga que ele não passa de uma forma de dominação das classes subalternas, assim como os que dizem que ele é apropriado por essa classe para ser o culpado por seus erros e traquinagens.

Monteiro Lobato era um autor muito nacionalista, conhecido por sua xenofobia, assim a ideia de utilizar *O Estadinho*, edição vespertina de *O Estado de S. Paulo*, para realizar sua pesquisa sobre o saci surgiu com o objetivo de ressaltar o folclore nacional ao invés dos “anões entrajados à alemã” que se espalhavam pelos jardins de São Paulo.

No entanto, como aponta Renato da Silva Queiroz em seu estudo antropológico sobre o saci, o jornal, principalmente naquela época, é um meio dirigido às pessoas alfabetizadas, elitizado, no qual era necessário certo grau de poder aquisitivo para se ter acesso a mídia impressa, o que o leva a concluir que os depoimentos colhidos no *Inquérito* traduzem ideias das classes dominantes. (QUEIROZ, 1987: p. 58)

Evandro Camargo (2006), em sua tese sobre a obra de Monteiro Lobato, aponta como Queiroz em seus estudos demonstra uma série de preconceitos encontrados nos relatos dos colaboradores da pesquisa sobre o saci, comparando, por exemplo, os estereótipos depreciativos do saci com os definidos aos negros da sociedade brasileira, ou ainda como esse personagem expressa a “mentalidade supersticiosa e grosseira dos caipiras, aos quais se atribui a paternidade da ‘crendice’, concordando com os interesses ideológicos dessa classe dirigente em discriminar negros e caipiras. (QUEIROZ, 1987: p. 70-71)

Levando em conta a tese de Queiroz (1987) de que “[...] as representações coletivas acabam sendo apropriadas, redefinidas e utilizadas de acordo com interesses de grupos, classes e etnias” (p. 92), pode se afirmar que o saci foi utilizado tanto pela classe dominante, ao discriminar as culturas subalternas da sociedade, como por esta que se apropriou dessa lenda como desculpa aos seus interesses, ou seja, na época era interessante ao negro escravo colocar a culpa de um utensílio quebrado ou um deslize qualquer ao saci, do que ser punido duramente por isso. No entanto, como demonstra Vieira (2009) em seu trabalho de campo,

hoje as pessoas ainda se utilizam disso atribuindo a culpa de seus “erros” ao saci, fazendo-o se tornar a causa dos problemas de seus narradores. (p.114)

Visto por este prisma, o saci é um mediador, errante e solitário, que transita pelas fronteiras das classes e etnias. A sua perna única poderia traduzir justamente esta impossibilidade de se fixar no interior de qualquer um desses grupos. (QUEIROZ, 1987: p. 93).

Talvez até por esse fato de conseguir transitar entre as classes sociais ele tenha se tornado uma figura tão popular num país com uma diversidade cultural tão grande como o Brasil.

Vieira (2009) atribui esse papel nacionalista ao saci, por ele tentar demonstrar a formação brasileira, aqui ela se refere a “Fábula das três raças”, de Mouza (1990), que afirma que “o país se consolidou com a mistura de três raças: índios, brancos e negros”, na qual a fábula ameniza as diferenças entre essas raças e as transforma em contribuições as qualidades do povo brasileiro.

Em sua tese ela ainda comenta sobre a hipótese de existir um saci globalizado, o qual tem grande influência dos textos de Monteiro Lobato e tornou-se um saci “domesticado” que não é mais endiabrado, nem cheira a enxofre, mas é tratado como um “bichinho de estimação”, no qual suas diabruras viraram travessuras e ele até se tornou o guardião da floresta, e pode ser o mascote da Copa de 2014, segundo campanha da ONG SOSACI (Sociedade dos Observadores de Saci).²

Vieira (2009) acredita que essas ONGS se baseiam na proposta de Adorno de que a “Indústria Cultural mercadifica os bens culturais” (p. 112) transformando o saci em um produto cultural a ser vendido para o mundo. No entanto, por outro lado ele também aparece como forma de resistência ao instituir seu dia exatamente na data de comemoração do *Halloween*.

Outra forma de saci seria o que ela classifica de “saci oral”, aquele baseado nas narrativas de pessoas que “vivenciaram” histórias de saci. Já nesse caso o saci não é a mesma criatura dócil das histórias infantis, mas um saci tido como demônio, até mesmo por suas narrativas se assemelharem bastante as do diabo. (VIEIRA, 2009: p.113)

² Reportagem disponível em

http://www.revistaforum.com.br/conteudo/detalhe_materia.php?codMateria=3567

2.3 MIGRAÇÃO DO SACI PARA BOTUCATU

Vieira (2009) demonstra que a ferrovia ajudou na expansão do país, principalmente do estado de São Paulo, trazendo não só inovação tecnológica como a cultura de vários imigrantes, ajudando assim a criar essa miscigenação existente no país. Para ela as narrativas sobre o saci, que possuem como plano de fundo as fazendas de café, se escoaram pelo país através das estradas de ferro que levavam o café até o Porto, levando também as narrativas dos negros escravos. (p. 52)

A Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCS) ficou conhecida quando José Oswaldo, presidente da associação, começou a participar dos shows do músico Paulo Freire, no qual em determinado momento ele contava histórias sobre o saci. Com isso algumas matérias foram divulgadas na mídia. Uma das integrantes do grupo chegou a dar uma entrevista no programa da Ana Maria Braga, na Rede Globo, o próprio José Oswaldo deu entrevista no programa do Jô Soares, na época do SBT, e após isso a cidade de Botucatu começou a se tornar conhecida como a “Terra do Saci”.

Como pode se observar, a mídia teve grande influencia na criação desse título para cidade, o que talvez seja um dos motivos por criar tanta polêmica quanto ao assunto.

A revista Caros Amigos divulgou que para José Oswaldo, o criador de saci, além de cuidar para que sua população cresça na mata, ele também cuida da criação na cabeça das pessoas.

Com isso foi criado o Festival Nacional do Saci, que ocorre há 12 anos e na maioria das suas edições contou com o apoio da prefeitura municipal. Interessante registrar que no ano em que a prefeitura disse que não realizaria mais a festa, transformando-a em Feira do Folclore, os próprios artesãos se organizaram, foram às rádios, conseguiram patrocínio e realizaram o festival. Esse fato mostra como o saci também pode ser um personagem de resistência, que foi apropriado por essa comunidade dos artesãos que hoje contam com o apoio da prefeitura, expondo suas obras de arte sobre o saci em feiras itinerantes da cidade.

2.4. SACI COMO POSSIBILIDADE

Segundo Maria Nazareth Ferreira (2006a), as festas populares tem tido uma crescente valorização no universo do turismo, sendo vista como mercadoria, que pode ajudar a construir a cidadania e reforçar laços sociais e identitários, já que por terem o caráter de transformar um indivíduo comum em protagonista daquele evento, tornam-se um elemento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, sendo um fator de conscientização e participação social.

Para Ferreira (2006a) a festa pode ser analisada por dois aspectos: o fator econômico, ao se tornar uma ‘mercadoria’ para a expansão do turismo e como instrumento para a compreensão dos fenômenos de comunicação entre as classes subalternas.

Lanternari argumenta que fazer festa é buscar sua identidade, encontrando-se a si mesmo, reencontrando as garantias histórico-culturais no ato comunicativo e comunitário, o que Ferreira completa que é um ato conflitivo por incorporar novos valores aos tradicionais. (Lanternari apud Ferreira, 2006a)

Devido à comunicação midiática e ao consumo alienado, que tendem a uma padronização de hábitos, valores e ideologias, as pessoas e principalmente as comunidades mais expostas ao turismo predatório, tem perdido cada dia mais sua identidade cultural.

Segundo Ferreira (2006a), a festa tem a capacidade de transcender o tempo e trazer à realidade experiências vividas por povos em épocas distintas, aflorando os usos e costumes vivenciados pela cotidianidade, mostrando a verdadeira face de um povo. Ela recolhe experiências vividas em separado, acrescentando o que no cotidiano é considerado descontinuado, estabelecendo uma relação de reprodução e inversão, no sentido que o tempo mítico inverte a realidade cotidiana e, através da performance, reproduz o mundo cotidiano, juntando-se a dialética de tradição/inação, no sentido que a festa é a mesma todo ano, porém a cada ano ela incorpora novos elementos, tornando-se diferente das de outros anos.

Continuando seu pensamento ela afirma que as festas populares tornaram-se um atrativo para incrementar as economias locais, sendo consideradas um produto cultural para a expansão do turismo local, gerando renda para a cidade.

Em Botucatu, o Festival Nacional do Saci, é uma festa que tem incrementado o turismo local. Os artesãos mobilizaram-se para se especializarem no tema saci e hoje em dia suas obras de arte são conhecidas não só nas cidades da região como também na Europa. A culinária local tem se profissionalizado em alimentos naturais que seriam do agrado do saci e

há também uma forte exploração do ecoturismo para atrair visitantes à cidade, devido ao potencial ecológico do local.

Com essa relação o saci tem sido utilizado tanto pela classe dominante quanto pela classe subalterna em uma relação de hegemonia/consenso.

García Canclini (1988) busca romper com a ideia da teoria da dependência ao propor a relação hegemonia/consenso. Existem interesses comuns que se entrelaçam, além do uso de linguagens e códigos cotidianos utilizados pela classe hegemônica que pertencem às classes populares, o que faz com que elas se identifiquem e criem um consenso entre si. No entanto, atualmente existe um processo de rearticulação da cultura hegemônica, que ele denomina de transnacionalização da cultura e que reconfigura o modo de produção capitalista, estabelecendo novas estratégias do exercício da hegemonia, forçando uma transformação do que se chama de cultura popular e também possibilitando a construção de culturas alternativas.

Portanto a hipótese central desta pesquisa é que existe a emergência de outro sentido para a festa do Saci avaliando as práticas culturais e comunicacionais resultantes como campo de fortalecimento dos laços identitários das comunidades locais envolvidas.

3. METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS

Ao longo de sua história, o ser humano é capaz de acumular conhecimentos. O método tradicional de ensino é feito de forma expositiva, na qual o aluno assimila o que lhe foi ensinado e reproduz esse conhecimento produzido por outra pessoa. No entanto, as pessoas possuem a capacidade de acumular não só os conhecimentos que lhe foram repassados por um professor, como também os que são derivados de sua vivência, sua experiência específica e suas observações pessoais, assim como outros métodos de conhecimento.

Maria Nazareth Ferreira (2006b), no livro “Alternativas metodológicas para a produção científica”, define a ciência como “*um sistema de conceitos, um conjunto de teorias que refletem o objeto estudado e as leis que o regem.*” (p. 23)

Assim, o saber deve estar contextualizado, estando relacionado ao seu contexto histórico e a cada nova descoberta ele se transforma, participando de uma lógica dialética, ou seja, um processo não linear que evolui para outro conflito.

A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na ideia gramsciniana da Filosofia da práxis, na qual as concepções teóricas são confrontadas com a realidade em análise.

Para Gramsci filosofia da práxis é a atividade teóricopolítica e histórico-social dos grupos ‘subalternos’ que procuram desenvolver uma visão de mundo global e um programa preciso de ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando a construir um projeto hegemônico alternativo de sociedade. (SEMERARO, 2005: p.30)

Dessa forma, dentro desse método dialético, utilizou-se como principais estratégias metodológicas a observação participante, através do acompanhamento do Festival Nacional do Saci, ocorrido em Botucatu durante os dias 21, 22 e 23 de outubro de 2011 e entrevistas semi-estruturadas e livres com pessoas que circulavam na festa, artesãos que expunham seus trabalhos, membros da Associação Nacional dos Criadores de Saci e da Prefeitura Municipal de Botucatu.

O objetivo das entrevistas com as pessoas que frequentaram o Festival foi identificar pontos positivos e negativos da figura do saci para a população de Botucatu, tanto no aspecto cultural quanto turístico, identificando se essa relação realmente faz parte da cotidianidade da cidade ou apenas de um grupo.

Já o das entrevistas realizadas com a Prefeitura Municipal de Botucatu foi analisar junto aos órgãos públicos locais, seu posicionamento sobre o processo do título de “Cidade do Saci”, avaliando seu potencial dentro do processo de turismo cultural e a que foi a realizada com o grupo da Associação Nacional dos Criadores de Saci e com os artesãos teve o objetivo de analisar como a cultura popular e a lenda desse mito se proliferaram na cidade, identificando qual relação o saci tem com os setores subalternos.

Realizou-se ainda a análise dos meios de comunicação local, a fim de analisar as práticas e comunicações resultantes desse processo da festa, do artesanato e da oralidade para avaliar as possibilidades de construção de elos identitários e comunicacionais.

4. FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO

4.1. MASSIVO E POPULAR: O SACI QUE TRANSITA ENTRE AS CLASSES SOCIAIS

O Festival Nacional do Saci ocorre há 12 anos na cidade de Botucatu, sendo que sua primeira edição foi uma parceria entre a ANCS e a Secretaria da Cultura da cidade, com o objetivo de resgatar o folclore nacional.

Antigamente o festival acontecia em agosto por ser o mês do folclore, hoje existe uma lei municipal que instituiu dia 31 de outubro como o dia do saci e por esse motivo ele foi transferido para esse mês. Assim, em agosto a Secretaria da Cultura realiza o Festival do Folclore e em outubro a Secretaria do Turismo realiza o Festival Nacional do Saci, que desde a primeira edição conta com a participação e engajamento do pessoal da Associação Nacional dos Criadores de Saci.

A cada ano a festa se desenvolve e se transforma, ocorrendo sempre de uma forma diferente, comprovando o pensamento de Ferreira (2006a) de que a festa é a mesma todo ano, porém a cada ano ela incorpora novos elementos, tornando-se diferente da dos anos anteriores.

No ano de 2005, por exemplo, o festival contou com atividades como gincana com crianças, oficina de pífano (aprendizado de como manufaturar e como tocar o instrumento), oficina de contação de história e produção de artesanato sobre o saci, apresentação de danças folclóricas, teatro de fantoches sobre figuras míticas da cultura popular brasileira e shows musicais.

Já no ano de 2011, a festa teve uma divulgação diferenciada que contou com uma trupe de circo caracterizada que circulou pela cidade divulgando o evento nos semáforos e restaurantes. Várias placas foram espalhadas pela cidade com desenhos sobre o saci criando uma expectativa sobre a festa. Durante o evento havia uma área de exposição, com artigos de Botucatu, como artesanatos sobre o saci, culinária típica, camisetas e adesivos da ANCS, o

Bar do Nerso e seus artigos que contam a história de Botucatu, além de stands de outros mitos como o Lobisomem de Joanópolis, tudo acompanhado de atrações musicais.

Para o festival de 2012 a Subsecretaria de Turismo pretende aumentar a área de exposições do Festival, trazendo mostras do Museu do Boiadeiro e do Caboclo.

A mídia influencia muito os movimentos populares. Na pesquisa de campo averiguou-se que Joanópolis, cidade do interior de São Paulo, possui uma história semelhante a de Botucatu, sendo conhecida como a Terra do Lobisomem.

Ao conversar com membros da prefeitura de Joanópolis que estavam expondo a sua cultura, na 11ª Edição do Festival Nacional do Saci, é possível notar que tanto o título da Terra do Saci em Botucatu, quanto o de Cidade do Lobisomem em Joanópolis teve seu ápice através da divulgação na mídia. Em Botucatu foi quando os membros da ANCS começaram a aparecer em programas de televisão divulgando que criavam saci e o de Joanópolis foi através de um comercial do Mc Donald's, que fazia a comparação de um lanche com a cidade do Lobisomem.

Segundo depoimentos do pessoal da ANCS, Joanópolis se inspirou neles para criar a Associação dos Criadores de Lobisomens. Os dois grupos mantêm contato e trocam experiências do que cada um faz e está dando certo, participando de Feiras Culturais a fim de divulgar o folclore brasileiro.

Valdirene Ricanelo, secretária de Turismo de Joanópolis disse que “eles tem trabalhado muito um turismo imaginário”, inclusive eles tem impedido que a mídia faça matérias sobre o horror relacionando o Lobisomem à cidade, ridicularizando a imagem do mito.

Se for para essa parte do horror, de ridicularizar a imagem, a gente não deixa mais, então o que nós queremos: o folclore e o turismo imaginário, que a criança que chega ela possa brincar. A gente tem pijama, camiseta, caneta, entendeu? (informação verbal)³

Como pode ser observado esse turismo imaginário, transforma o Lobisomem em um prouto cultural a ser explorado, assim como transforma o saci em uma mercadoria.

³ Entrevista concedida ao autor em 22/10/2011.

Vieira aborda isso em sua tese, afirmando que essa “domesticação” dos mitos são advindas da globalização, que modifica essas lendas para adequa-las ao contexto atual.

Como mercadoria, temos o fato de a imagem do saci ter se modificado para se adequar ao contexto atual: descaracterização demoníaca (o Saci não é mais perigoso), alimentação igual a dos animais (banana, broto-de-bambu), tentativa de aproximação das crianças (o Saci fez o netinho de uma das informantes dormir), proteção das florestas (Saci ecologicamente correto). [...] Portanto, as transformações culturais e tecnológicas advindas da globalização influenciaram consideravelmente as narrativas sobre o saci, dando-lhes novas formas, sentidos, valores e modos de existência na sociedade. (VIEIRA, 2009, p: 115-116)

Ao adequar as lendas ao contexto atual, os personagens sofrem alterações em suas caracterizações, por exemplo, a Associação Nacional dos Criadores do Lobisomem criou o bebê lobisomem com o objetivo de atrair as crianças, tornando-o um “mascote” da cidade, assim como o Saci em Botucatu. Fato que gera além de turismo, receita as comunidades que manufaturam esses produtos, além de propagar o folclore impedindo que ele desapareça do imaginário local.

Em 2009, a prefeitura não apoiou a realização do Festival, retirando-o da programação oficial do município, no entanto, os próprios artesãos se reuniram e foram em busca de patrocínio para realizá-lo, sendo inclusive pauta de entrevistas nas rádios da cidade.

Para Thiago Donini, assessor da Secretaria de Turismo, esse fato demonstrou “um envolvimento da comunidade em busca de uma causa que eles acreditam”, assim eles tiveram um retorno de que a comunidade se apropriou do tema e hoje a prefeitura é parceira desse evento que

[...] não é uma festa da prefeitura, é uma festa da população de Botucatu, da comunidade de Botucatu, que o apoio da prefeitura facilita na parte de atrações, principalmente de estrutura, mas é uma festa popular, que é feita com a população de Botucatu. (informação verbal)⁴

Ao questionar Jose Oswaldo Guimarães sobre o assunto ele afirmou que:

[...] esses mitos eles são maiores que as religiões, do que a população, do que a prefeitura, digamos assim, e maior do que a associação. A associação é uma associação dos criadores de saci, mas o saci existe antes dos criadores, existe antes da prefeitura, antes da associação, ele é muito maior que isso e isso é uma coisa que a gente num pode perder a dimensão, né? (informação verbal)⁵

⁴ Entrevista concedida por Tiago, assessor da Secretaria de Cultura de Botucatu em 24/02/2012.

⁵ Entrevista concedida por Jose Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS em 23/10/2011.

Dessa forma é possível observar que o Saci sempre existiu, porém ao longo dos anos ele foi apropriado por grupos distintos, sofrendo alterações para resistir a lógica mercadológica existente na sociedade neoliberal padronizadora, a qual a mídia exerce uma grande influência. Assim, nessa trajetória a mídia se apropriou da imagem do Saci transformando-o em um ser pacífico, a prefeitura o transformou em um produto turístico, os artesãos em forma de sobrevivência, as associações em um elo de divulgação do folclore, e ainda é possível encontrar nesse tramite a resistência das pessoas que não se identificam com essa figura.

Em Botucatu é possível notar o interesse em utilizar o saci como produto cultural para um turismo que traz benefícios a comunidade, ao qual Ferreira (2006) classifica de “Turismo Emancipador”, não só pela prefeitura como também pelos artesãos que o reproduzem e até mesmo o exportam para países da Europa, o que demonstra que essa comunidade de artesãos se apropriou do Festival do Saci para expor seus trabalhos e sua culinária.

Para a secretaria do turismo o saci pode influenciar o turismo na cidade, já que Botucatu possui alto potencial para o ecoturismo e eles relacionam o mito a um guardião das matas, talvez por isso a cidade seja conhecida como a terra do saci com maior intensidade fora de Botucatu que na própria cidade, o que faz com que a prefeitura se empenhe para realizar um trabalho de conscientização dos munícipes, mostrando a importância dessa figura folclórica.

Botucatu ainda é conhecido como a cidade do saci mais fora de Botucatu do que dentro de Botucatu, por isso esse trabalho de conscientizar aqui, conscientizar o pequeno restaurante, conscientizar o comércio, tentar agregar valores pra deixar a festa mais forte aqui, pra quando o turista vier a cidade estar preparada e ele se sentir que esta na cidade do saci mesmo. [...]

(O Saci) Tem a ver com todos os aspectos que é bom pra cidade e a gente quer trabalhar isso e a gente acredita que Botucatu é a terra do saci, é a terra da aventura, que o saci protege as nossas matas, ajuda a divulgar a cidade. A gente quer. A gente acredita que Botucatu é a terra do saci. (informação verbal)⁶

Thiago Donini, afirmou que existe uma relação de parceria da prefeitura com os artesãos, que são cadastrados pela SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades), podendo assim atuar com carteirinha e tirar notas fiscais nas feiras realizadas pela prefeitura.

⁶ Entrevista concedida por Tiago, assessor da Secretaria de Cultura de Botucatu em 24/02/2012.

Há ainda um treinamento junto ao SEBRAE, para as pessoas envolvidas com a culinária típica do saci, chamado ALIMENTO SEGURO, que as capacita para que elas possam trabalhar de acordo com as normas da Vigilância Sanitária.

Pode se concluir assim, que a partir do momento em que algumas pessoas da cidade começaram a divulgar que criavam saci em Botucatu criou-se um atrativo, que inicialmente teve o apoio da Secretaria da Cultura com o objetivo de resgatar o folclore nacional, criando com isso uma identificação dos artesãos que começaram a explorar esse tema e divulgá-lo ainda mais, sendo atualmente explorado como um produto cultural pela Secretaria do Turismo que tem o objetivo de atrair turistas ao município e também de criar elos mais fortes, a fim de que cada dia mais moradores se identifiquem com a figura do saci.

Por outro lado, nem toda população gosta ou concorda com a cidade ser considerada a terra do Saci, mas por que há tanta polêmica sobre o assunto?

Ao abordar Jose Oswaldo Guimarães sobre isso ele acredita que o tema cause essa discussão por falta de conhecimento, já que há quem confunda o mito com religião ou com política.

Essa ideia também pode ser observada no discurso de uma artesã que acredita que esse preconceito seja advindo de uma cultura religiosa que não admite que exista esses mitos, o que ela respeita, mas para ela o saci é apenas uma grande brincadeira que ela acredita que venha ganhando adeptos, já que a procura pelos artesanatos do saci é muito grande.

Muitos moradores não se identificam com esse personagem e acreditam que ele não faça parte do imaginário local.

Clayton Leal da Silva, pós-graduado em Ciências Sociais e Religião, Pastor da Catedral Evangélica de Botucatu, publicou o artigo “O Saci ao Averso”, no Jornal Diário da Serra, de 1 de novembro de 2011, falando sobre o saci e o festival ocorrido na cidade, afirmando que “O Saci botucatuense é um saci redesenhado, reintroduzido, apropriado. É um saci bordado para vender. Só virou festa porque caiu na graça da mídia, fez sucesso. A terra das boas escolas agora virou a terra do saci.”

Silva (2011) continua seu relato fazendo comparações do saci com a realidade atual, ele coloca o saci como uma criança que fuma cachimbo e comenta sobre as campanhas antitabagistas e as inúmeras crianças que se encontram usando drogas nas ruas como o crack,

que também é fumado com um cachimbo. Para ele o “saci justifica a mentira e a malandragem, [...] é um folgado travesso, ele não trabalha [...] O saci leva as crianças desobedientes à mata [...] O Saci pode incentivar o racismo”. Para cada um desses itens ele critica o saci, afirmando que as crianças aprendem a não trabalhar, crescem com medo e ainda aprendem a mentir e a discriminar os negros e conclui dizendo:

É preciso virar o bordado do avesso para ver além das traquinagens matreiras o que o mito do saci pode esconder, representado na figura de uma criança negra, deficiente física, viciada em cachimbo e malandra. O mito do saci vem carregado de imagens e valores, ainda que simbólicos que não convém ensinar as crianças. (SILVA, 2011: p. b1)

Esse artigo foi veiculado em um jornal de elite e seu autor é Pastor da Catedral Evangélica, ou seja, um formador de opinião. Será que todo esse preconceito não está de fato relacionado a influencia da religião e da falta de informação sobre o surgimento da lenda, como afirmam as pessoas que defendem a figura do saci?

Atualmente existe uma forte discussão sobre a necessidade de um planeta sustentável, o resgate do mito do saci, dessa forma carismática, guardião da floresta e educador das crianças não seria uma forma de se alcançar esse objetivo de conservar o planeta?

4.2. SACI COMO MEMÓRIA, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO

Para as artesãs entrevistadas no Festival o saci é visto como uma lenda, mas em seu discurso é possível notar como esse mito se tornou um produto cultural que elas inclusive exportam para a Europa:

[...] os nossos sacis são até importados, já tem diversas partes da Europa saci que foi levado daqui da feirinha, então ele é muito conhecido e a cidade está se tornando conhecida por causa desse movimento e das atrações que a gente traz envolvendo a figura do saci, porque aí você vai ver o saci na garrafa, o saci no lápis, o saci na xícara, o saci nos imas, na madeira, o saci pintado em tela, que trazem as matas, né, então a pessoa desenha e ali ela elabora a sua tela em cima desse tema. (informação verbal)⁷

⁷ Entrevista concedida a autora em 22/10/2011.

Uma das artesãs entrevistadas comenta que o saci é uma lenda alegre que combina com Botucatu que é uma cidade com um povo bem brasileiro, pois além de ser unido tudo acaba em festa.

Ao entrevistar os visitantes do Festival do Saci, as opiniões eram muito diversas quanto a aceitação do título de Botucatu: Terra do Saci, no entanto mesmo as que não concordavam com esse título concordavam que o saci encanta por sua parte mítica e sua mistura de raças.

Robert, visitante do evento, acredita que o título de Terra do saci deve acontecer naturalmente e não como uma imposição, porém faz um comentário interessante sobre o mito:

Tem um monte de gente que fala: ‘ahh isso num faz parte do nosso imaginário’, pode até num fazer mesmo, principalmente pra uma geração que pegou aí o processo de urbanização muito forte, mas eu tenho certeza que nos antigamente tinha história de saci, tinha história de tudo quanto é coisa, curupira, mula-sem-cabeça e tal.

A família do meu pai era de São Pedro, quando eu era pequeno eu ia muito pra lá e a tia do meu pai sempre contava umas histórias de saci. [...] E acho que falta muito disso, acho que falta muito um imaginário lúdico assim pras crianças de hoje, que já vem tudo pronto com televisão e nada contra, adoro televisão, adoro cinema, adoro vídeo-game, mas acho que tem que ter esse contra ponto também. (informação verbal)⁸

De encontro a esse comentário podemos citar um trecho da entrevista do José Oswaldo, presidente da ANCS onde ele afirma que “o pai do mito é o medo” e que muito do folclore nasceu da ideia das matas exuberantes que existiam no Brasil, coisa que não acontece nas matas reflorestadas, as quais as pessoas não tem medo de entrar.

Quando você ia numa floresta escura que tivesse um monte de árvores de tamanhos diferentes, barulhos diferentes, então tinha formas e sombras e reflexos que davam a ilusão do medo e com uma floresta só de pinhos, por exemplo, não tem nada né, então os caras não tinha medo, então era essa jogada. (informação verbal)⁹

O presidente da associação completa ainda que eles nunca trabalharam com uma imagem do saci, pois eles acreditam que devem incentivar o lado da criação, da imaginação que está sendo deixada de lado atualmente, por isso eles trabalham “com alguns elementos

⁸ Entrevista concedida a autora em 22/10/2011

⁹ Entrevista concedida por Jose Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS em 23/10/2011.

que puxassem na memória, porque daí as pessoas resgatam o saci que elas tem na memória delas”.

Assim é possível notar que parte da população remete o saci ao lado lúdico, trabalhando com a imaginação e a memória das pessoas, coisa que tem sido abandonada pelas novas gerações que nascem na era da informática, na qual a oferta de mercadorias é tão diversa que não estimula a imaginação, já traz tudo pronto.

Levando por esse lado da imaginação um bom exemplo encontra-se em Ramiro Viola e Pardini, dupla caipira de Botucatu, existente há 11 anos, com 7 CDs gravados, apaixonados por música raiz, divulgando-a não só no Brasil como no exterior.

Na música “Saci Pererê” de Ramiro Viola¹⁰, pode se notar várias versões do saci: o oral, o literário, o mítico, entre outros aspectos.

Na primeira estrofe ele se refere ao saci oral, às histórias contadas pelos antigos, já na segunda estrofe ele remete o saci ao ambiente das fazendas, subentendendo que o saci era um garoto, filho de escravos, que perdeu a perna na moenda da fazenda onde o pai trabalhava e como já citado anteriormente nas fazendas, inclusive na região de Botucatu onde a agricultura cafeeira era predominante, era muito comum os trabalhadores serem negros escravos.

Na terceira estrofe ele narra a parte mítica do saci e as suas traquinagens. Já na quarta estrofe ele se refere ao saci de Botucatu, apoiado na história da ANCS de que o saci veio de Minas Gerais e a completa com o “calçãozinho azul”, provavelmente referindo-se a cor da bandeira do município.

Por fim, na última estrofe mostra o saci como guardião das florestas e como um personagem de Monteiro Lobato, em uma figura “domesticada”, como já demonstrada anteriormente.

Durante as entrevistas realizadas com a dupla Ramiro Viola e Pardini, após seu show no Festival do Saci, Ramiro narra que

[...] a gente canta moda de viola, música raiz e não tem como cantar moda raiz sem contá as história que a gente conhece, um deles, por exemplo no caso aqui, é o saci que é muito representativo pra nossa cidade, pra nossa dupla, que somos uma das pouquíssimas duplas que tem uma música falando do saci e tão atual um tema tão atual que a gente fez especialmente a convite do pessoal da

¹⁰ Música completa em anexo.

Rede Globo que a gente fez isso aí pra cantar no dia do folclore que é dia 22 de agosto. E a gente gravou essa música num CD e pra gente é muito prazeroso a gente fala da nossa história e tudo que tá aí nessa música do saci, na letra, é história que o meu pai contava pra gente, que a gente morava na roça, no sítio e eu transcrevi esse meu pensamento, a minha vida pra música e nós gravamos essa música. (informação verbal)¹¹

Nesse depoimento pode se observar novamente a influência da mídia sobre o Saci em Botucatu, já que a música foi feita a pedido de uma emissora de televisão.

Para seu parceiro Pardini, o Saci tem o papel de educar as crianças a preservar o meio ambiente.

O saci não gosta que destrua o meio ambiente, que devaste as matas, que corte as árvores e que polua o meio ambiente, então uma maneira de ensinar a criança a não fazer essas maldades com o nosso meio ambiente é dizer pra ela o que? Que o saci fica triste quando você devasta o meio ambiente, quando você polui um rio, quando você corta uma árvore, quando você suja com lixo doméstico, então o que acontece? A maior importância justamente é essa: é a preservação do meio ambiente. Que aí você ensina a criança a crescer com essa mentalidade, com essa ideia. (informação verbal)¹²

Observa-se assim que para ele estão presentes as ideias de Mouzar (2007), que o saci é o guardião da floresta, e de Vieira (2009) que ele servia para educar.

Jose Oswaldo também concorda com a ideia de Vieira, ao afirmar que os mitos foram inventados para colocar medo nas crianças, a fim de discipliná-las.

Assim pode se afirmar que existe uma ideia na cidade de um Saci utilizado de forma lúdica, que desperte a criatividade e a memória das pessoas, além de ser uma forma de educar as novas gerações.

¹¹ Entrevista concedida por Ramiro Viola em 22/10/2011.

¹² Entrevista concedida por Pardini em 22/10/2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a sociedade vive de acordo com um modelo hegemônico imperialista e capitalista, que já demonstram sinais de esgotamento, porém ainda é muito forte e conta com o poder de uma mídia que dita tendências e impõe modelos.

No entanto mesmo com toda a influência da mídia a tradição oral também ocupa seu espaço resistindo ao modelo hegemônico e se transformando para sobreviver ao mundo globalizado.

O saci sofreu fortes influências durante sua existência e foi sendo modificado com o passar do tempo, agregando novas formas, novos sentidos, novos valores a fim de se adequar e permanecer existindo no contexto atual.

Muitas pessoas identificam o saci como um mito bem brasileiro por possuir características de vários povos, como portugueses, indígenas e africanos, com o diferencial de conseguir transitar entre popular e hegemônico, tendo em cada narrativa uma característica própria, sendo ora interessante a uma classe social ora a outra.

Talvez essa diversidade do saci seja o ponto que gera tanta polêmica sobre o mito, ele não é totalmente bom, nem totalmente mau, depende de que ângulo se analisa essa lenda.

Na cidade de Botucatu existem os que defendem e os que criticam o ser e seu relacionamento com a cidade. Existem ainda os que defendem por uma causa, os que se identificam, os que veem uma possibilidade de cultura alternativa e os que apenas acreditam que o saci seja uma lenda alegre que ajuda as pessoas a fugirem da sua realidade, migrando para um tempo mítico e festivo.

No entanto quem critica relaciona o mito a uma realidade pessimista dos dias atuais, relacionando sua figura a um ser politicamente incorreto, esquecendo-se de sua origem e construindo novos valores para seus símbolos.

Na verdade sempre irão existir as duas versões dos mitos, pois a cultura é algo em movimento, ela se transforma com o passar dos anos, a cada narrativa nova, pois o folclore deriva da tradição oral e esta tende a sofrer alterações com o passar do tempo. Vale considerar

ainda que a mídia tem uma forte influencia sobre essa transformação, assim como a religião e as novas tecnologias.

No entanto o que se observou no decorrer dessa pesquisa é que existe um novo sentido da Festa do Saci para as pessoas que estão envolvidas com esse tema. Para os artesãos a festa é o momento de divulgar sua arte sobre o saci, figura a qual eles se identificam e relacionam como um guardião das matas de Botucatu. Para a prefeitura é um atrativo para que os turistas venham a cidade e se encantem com outros aspectos além do Saci, como a sua própria história e seu turismo de aventura. Já para a Associação dos Criadores de Saci é uma forma de resgatar o folclore e fazer com que se discuta sobre o tema, incentivando sempre o lado lúdico das lendas.

Esses grupos tendem a divulgar cada vez mais o mito, a fim de angariar mais adeptos e criar uma identidade local, no entanto, sempre haverá quem não se identifique com o tema e acredite que esse imaginário não pertence à região.

Assim pode se dizer que o saci tem o dom de transitar entre as classes sociais e sua própria festa ora faz sentido aos processos hegemônicos sendo imposta como um turismo, ora faz sentido aos processos populares sendo apropriada pela população que realiza ela própria a festa como forma de resistência a uma imposição hegemônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, Evandro do Carmo. **Um estudo comparativo entre O Sacy-Perêre: resultado de um inquérito (1918) e O Sacy (1921), de Monteiro Lobato.** Assis, 2006. 482 fl. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- CANCLINI, Néstor García, RONCAGLILOLO, Rafael. **Cultura Transnacional y Culturas Populares.** Lima: Ipal, 1988
- CASCUDO. Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 11 ed. São Paulo: Ilustrada, 2001.
- CASCUDO. Luis da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros.** 3 ed. São Paulo: Global, 2002.
- FERREIRA, Maria Nazareth, (coordenadora) **Projeto: “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”.** Relatório apresentado para o CNPq em 2006a.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica.** S. Paulo: CELACC, 2006b.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Cultura, globalização e turismo.** In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) **Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada na América Latina.** São Paulo: CELACC – ECA – USP, 1997, p. 19-46.
- FIGUEIROA, João Carlos. **Botucatu: Cidade dos bons ares e das boas escolas.** São Paulo: Noovha América, 2007
- PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Alimentos, bandeiras e folias: elementos constituintes das festas subalternas.** 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.
- QUEIROZ, Renato da Silva. **Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o sacy.** São Paulo: Polis, 1987
- SADER, Emir. **A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.** São Paulo: Boitempo, 2009.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SEMERARO, Giovanni. **Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo.** Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2005. Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a03.pdf>, acessado em 06/03/2012.

SILVA, Clayton Leal. **O saci ao avesso**. Jornal Diário da Serra, Botucatu, 1 nov. 2011. Segundo Caderno. b1.

VIEIRA, Maressa de Freitas. **O Saci da tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural**. São Paulo, 2009. 167 fl. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ANEXOS

TRABALHO DE CAMPO RELATOS OBTIDOS DURANTE O FESTIVAL NACIONAL DO SACI - 2011

RELATO DAS PESSOAS DE JOANÓPOLIS, CIDADE DO LOBISOMEM.

NOME: VALDIRENE – SECRETÁRIA DO TURISMO, JOANÓPOLIS E ELIANA

EU: TODOS OS JOANÓPOLENSES ADERIRAM JOANÓPOLIS SER A CIDADE DO LOBISOMEM?

VALDIRENE: Na verdade nós falamos assim: 100% dos joanopolenses aderiu?

NÃO. Mas eu acho que com o passar do tempo aumentou, porque no começo eram poucos. Hoje já aderiu as escolas, as crianças, mas falar que é total...

EU: COMO SURTIU ISSO LÁ?

VALDIRENE: Na verdade foi uma tese de mestrado de uma professora, que ela esteve visitando a região bragantina e ela queria dados de cidades que tinham história que tinham lobisOMEM. E a cidade que mais tinham os contos e fatos de lobisOMEM foi Joanópolis.

Ela defendeu a tese dela, depois da tese, o Mc Donald's gravou um comercial e procurou Joanópolis, falando da comparação de um lanche com a cidade do lobisOMEM, aí explodiu. Logo em seguida já foi criada a Associação dos Criadores de LobisOMEM. Então hoje nós temos lá na casa do artesão a Associação. Hoje eu falo pra você, o comércio aderiu mais, a pousada que você vai é um repelente que você toma.

Na cidade, onde você vai tem a casa do artesão, outra loja, o Café Catedral, todos tem o lobisOMEM, lembrando do lobisOMEM, então eu acho que isso tá indo devagar e a gente tem trabalhado muito um turismo imaginário. Porque o que mostra as cenas dos Estados Unidos é aquele lobisOMEM, o lobo-mau, inclusive a gente não tem deixado mais a mídia ir lá, se for pra essa parte do horror, de ridicularizar a imagem, a gente não deixa mais, então o que nós queremos: o folclore e o turismo imaginário, que a criança que chega ela possa brincar. A gente tem pijama, camiseta, caneta, entendeu? Então é isso que a gente tem trabalhado o folclore e o turismo imaginário.

EU: DESDE QUANDO ACONTECE ISSO?

VALDIRENE: 2000...

A criança chega e, você vê, foi lançado o bebê lobisomem. O bebê faz 2 anos que foi lançado, ele fica lá na casa do artesão, então é isso mesmo, que a criança chegue e brinque.

EU: ELAS NÃO TEM MEDO?

VALDIRENE: Até, hoje aqui, uns tem medo, uns já chegam e: *oh! o lobo mau* e brinca: *oh! o bebe do lobo*, mas algumas crianças ainda tem medo.

...

Você vê o Revelando São Paulo, é filas e filas para experimentar a comida (comida do lobisomem), e o que tem divulgado Joanópolis... A gente participa de feira da secretaria do Estado: *não, já conheço Joanópolis, já experimentei a comida, fui até lá*. Então leva. E você fala pra mim hoje, aonde você vai, na Secretaria do Estado: *Joanópolis: a cidade do lobisomem...*

É uma marca grande da gente hoje.

EU: LÁ ISSO É VISTO MAIS COMO TURISMO OU COMO CULTURA?

VALDIRENE: Turismo.

...

ELIANA: Trabalhava no Banco Itaú, quando eu chegava em São Paulo na segunda-feira, teve um dia eu cheguei no painel do banco tava lá: *cuidado! Eliana, cidade do lobisomem*, foi quando deu o *Boom*, quando a pessoa fez a tese, foi em 89, 88. Em 2000 quando foi criado, que ficou conhecido, mas desde 80 e alguma coisa, que já tinha isso, aí na época o pessoal de São Paulo, tirava uma onda, falava assim: *Cuidado! Eliana, ela é da terra do lobisomem*.

...

Foi política que criou o preconceito, quem tava no poder e começou com a associação, aí passou um tempo e perdeu a eleição, aí veio outro que não quis continuar porque não era projeto dele.

No meu ponto de vista a gente vê que quem não gosta é de uma facção política

EU: QUAL PARTIDO ERA?

ELIANA: Ahhh..num lembro.

VALDIRENE: A cidade tem 11 mil habitantes e só tem 2 partidos. Lá é família, tudo é família, aí por melhor que seja o projeto, aí o outro saiu o que entra descarta porque era do outro, o que é um absurdo acontecer ainda hoje.

RELATO DE RAMIRO VIOLA E PARDINI, APÓS SHOW NA FEIRA DO SACI

RAMIRO VIOLA, 58 ANOS E PARDINI, 46 ANOS

Bom gente, aqui quem ta falando é o Ramiro Viola, eu sô natural de Botucatu nascido aqui na serra de Botucatu e tudo que eu fiz até hoje, eu vivi, nasci e cresci e vivi e vivo pra Botucatu e a minha família e meus amigos que eu tenho aqui e paralelo a isso mais para diversão a gente canta moda de viola, música raiz e não tem como cantar moda raiz sem contá as história que a gente conhece, um deles, por exemplo no caso aqui, é o saci que é muito representativo pra nossa cidade, pra nossa dupla, que somos uma das pouquíssimas duplas que tem uma música falando do saci e tão atual um tema tão atual que a gente fez especialmente a convite do pessoal da rede globo que a gente fez isso aí pra cantar no dia do folclore que é dia 22 de agosto. E a gente gravo essa música num CD e pra gente é muito prazeroso a gente fala da nossa história e tudo que ta aí nessa música do saci, na letra, é história que o meu pai contava pra gente, que a gente morava na roça, no sítio e eu transcrevi esse meu pensamento, a minha vida pra música e nós gravamos essa música.

Mas pra fala mesmo do saci de Botucatu, o meu parceiro o Pardini ele é mais esclarecido do que eu.

PARDINI: Não é nada disso. Gente aqui é o Pardini, embora eu more em Botucatu sou natural de São Caetano do Sul e já to aqui há 19 anos.

A importância do saci na cultura popular é justamente, ensinar as crianças na preservação do meio ambiente. Por quê? O saci não gosta que destrua o meio ambiente, que devaste as matas, que corte as árvores e que polua o meio ambiente, então uma maneira de ensinar a criança a não fazer essas maldades com o nosso meio ambiente é dizer pra ela o que? Que o saci fica triste quando você devasta o meio ambiente, quando você polui um rio, quando você corta uma árvore, quando você suja com lixo doméstico, então o que que acontece? A maior importância justamente é essa: é a preservação do meio ambiente. Que aí você ensina a criança a crescer com essa mentalidade, com essa ideia.

OS DOIS SOBRE A DUPLA:

A dupla existe há 11 anos, nós temos 7 Cds gravados e temos também um projeto pra 2012, um cd novo saindo aí, inédito e agradecemos a Deus por ele pôr no nosso caminho pessoas comprometidas com a nossa história.

É bacana quando você conta da história, mas você sente que você tem um comprometimento com aquilo lá, porque fazer por fazer é a mesma coisa que você comer uma comida sem sal. Então a gente que foi criado nesse sistema. Nós hoje ministramos palestras em universidade, escolas pra falar de música raiz, pra fala aquilo que a gente aprendeu que a gente conhece e os lugar que nós temos passado nesse brasilzão a fora de deus e fora do Brasil também. Estamos com um projeto agora pra fevereiro do ano que vem, pra África do Sul, um pessoal que está vindo pra Botucatu, que nós conhecemos em Orlando, ano passado, nos Estados Unidos e eles estão vindo pra Botucatu conhece a nossa história, e nós vamos lá canta e conta pra ele a história que eles vão viver aqui junto com a gente pelo menos os dias que eles ficarem aqui.

Então pra gente é muito prazeroso fala sobre isso, porque a gente num pode renega as nossas raízes, a gente tem um sério compromisso com isso, principalmente no sentido da música raiz, porque aqui em Botucatu é o DNA da música raiz, porque aqui nasceu a música raiz com Raul Torres, Serrinha, Angelino de Oliveira, Tônico de São Manuel, Tinoco aqui de Botucatu, Zé da Estrada e tantas outras pessoas que realmente plantaram aquela semente pra hoje colhermos os frutos daquela arvore chamada música raiz.

Pra gente é muito prazeroso encontrar pessoas assim como você, jovem ainda, interessadas por esse tema, no sentido da preservação.

...

*“meu dr foi meu pai.
Eu adoro se caipira
quero morre desse jeito
Com a viola nos braço
encruzada no meu peito
Minha história deixo escrita,
minha vida Deus conduz
Sou caipira, sou caboclo
e sou 100% Jesus
E meu jeito de caboclo
ninguém roba ninguém tira,
ser dr é muito bom,
mas eu nasci pra ser caipira.”*

Ramiro Viola

ENTREVISTA COM GRUPO DE TEATRO NOTÍVAGOS BURLESCOS QUE ESTAVAM FILMANDO E ENTREVISTANDO AS PESSOAS QUE VISITAVAM O FESTIVAL:

Meu nome é Erik de Barros, tenho 34 anos, essa questão da cultura do saci na cidade de Botucatu, veio com a associação nacional, né? Que instituiu a primeira festa, na época o Nakamoto que era o secretário da cultura e ele era da associação, tal..

É obvio que eu não acredito, nem eles acreditam, eu acho, mas eu acho bacana o mítico dessa história toda, porque as derivações de como, assim, tem origem indígena, aí misturou com escravo, a questão da magia, de ser um elementar e tal e tal e tal. Acho bacana, agora só não gosto muito, tenho umas ressalvas em relação a galera meio que ganhar em cima dessa questão toda, mas eu acho que cada um é cada um.

EU: O QUE VC ACHA DE BOTUCATU SER CONSIDERADA A CIDADE DO SACI?

ÉRIK: Não acho legal.

Eu sou a Flavia, tenho 30 anos, eu acho muito interessante esse resgate de lendas, e tal, da valorização da cultura nacional, eu acho que tem muito a ver com a região mesmo, com a história das Três Pedras e da cultura, tudo isso eu acho muito legal, só não acho muito legal quando fica esse negócio de investigando muito a criação, eu acho que banaliza um pouco, eu acho que afasta do mito, acho que quando vem pro mito é mais legal, quando vem essas histórias essas coisas assim, aí quando vai muito pra criação eu acho que perde um pouco a magia do que é né, mas eu acho interessante, acho legal que tenha isso, de uma maneira ou de outra acho que instiga as pessoas a pensarem sobre isso e a não sumir isso de vez.

EU: O QUE VC ACHA DE BOTUCATU SER CONSIDERADA A CIDADE DO SACI?

FLAVIA: Ahhh.. eu acho melhor isso do que ser considerada a terra do sertanejo universitário, tá ótimo, muito melhor.

Oi meu nome é Robert, tenho 33 anos...

Eu acho a lenda do saci muito legal, uma das coisas que a gente tem na nossa história, no nosso folclore. Bem bacana, toda história que ele tem do Monteiro Lobato resgatar e transformar ele, é um negócio que num é genuinamente brasileiro, que junta várias culturas, a dos índios, dos negros, do europeu. Acho isso muito legal, acho do caralho.

Acho super legal o festival do saci, muito bacana, ter uma atividade dessa na cidade celebrando algo desse tipo que é uma coisa que é da nossa cultura, é o que a Flavia falou, melhor isso do que um rodeio, um festival de sertanejo universitário.

E o lance de Botucatu ser a cidade do saci, eu acho o seguinte: acho que teve o pessoal que criou a associação, aí começaram a fazer o festival, legal, ta rolando, o que eu acho foda é quererem automaticamente transformar a coisa: a partir de agora É A CIDADE. Não. As coisas acontecem naturalmente, né? Depois de um tempo que as coisas vão rolando todo mundo vai conhecer e falar é a cidade que tem o festival do saci, é a cidade do saci, acaba acontecendo naturalmente. Tem um monte de gente que fala: *ahh isso num faz parte do nosso imaginário*, pode até num fazer mesmo, principalmente pra uma geração que pegou aí o processo de urbanização muito forte, mas eu tenho certeza que nos antigamente tinha história de saci, tinha história de tudo quanto é coisa, curupira, mula-sem-cabeça e tal.

A família do meu pai era de São Pedro, quando eu era pequeno eu ia muito pra lá e a tia do meu pai sempre contava umas histórias de saci. Tava dormindo, ia dormir a noite assim, passava aqueles guardinha noturno assobiando assim, ela falava: *ai é o saci*, num sei quê e contava as histórias tal, eu lembro de coisa super legal porque eu era criança e viaja, né? E acho que falta muito disso, acho que falta muito um imaginário lúdico assim pras crianças de hoje, que já vem tudo pronto com televisão e nada contra, adoro televisão, adoro cinema, adoro vídeo-game, mas acho que tem que ter esse contra ponto também.

CONVERSA COM JOSÉ OSVALDO GUIMARÃES – PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CRIADORES DE SACI

EU: O FESTIVAL TEM 11 ANOS, MAS A ASSOCIAÇÃO TEM QUANTO TEMPO?

JOSÉ: A associação... olha, a primeira vez que a gente foi lá pra serra ver o saci eu devia ter uns 19, to com 49, deve ter uns 30. Uns 30 anos deve ter a associação.

Que ela foi registrada deve dar uns 20.

A associação foi porque, é o seguinte, nós fomos andar na serra de Botucatu, nas Três Pedras, que falavam que tinha disco voador nas Três Pedras, aí nós fomos pra lá e fomos perguntar pro pessoal de lá e os cara falo que num tinha nada, nunca viram nada, os cara falaram que não, aqui nunca teve nada, vem uns estudante maconheiro aqui e fala que fica vendo as coisas.

Mas nunca aconteceu nada de estranho e tal? Não, nada de estranho aqui.

Porque tinha a lenda que nas Três Pedras descia nave espacial, que vinha isso, que vinha aquilo.

Aí o menininho que tava do lado falou assim: Mas pai, ainda onti, a égua fico a noite interinha andando no pasto e não tinha ninguém em cima, aconteceu isso, aconteceu aquilo, como é que isso num é estranho?

Não. Isso num é estranho não, isso num tem nada a ver com disco voador não, isso é saci que fez isso.

Aí todo mundo paro, né? Olho pro cara e falo: mas como assim?

Ahh Saci, saczinho de uma perna só e tal, ele mexe no gado, ele monta no cavalo, anda com o cavalo a noite inteira.

Aí nós começamos assim né: pô, mas saci, existe saci aqui mesmo? Aí o cara falo: Existe, existia pra caramba, mas agora diminuiu, mas existe. Ainda existe.

Ta bom, ficamos com a informação, mas ...porra bando de maluco, né?

E logo depois eu fui pra Itajubá, eu fui trabalhar em Itajubá e daí conheci um senhor que criava saci.

Aí eu perguntei pro cara, mas como assim cria saci? Ele criava realmente nuns viveiros bem grandes, uns viveirões bem grandes. Aí eu falei: bom, deixa eu levar um casal, porque em Botucatu tinha e diminuiu.

Aí ele num queria no começo, botou algumas regras e deixou eu trazer, e eu trouxe dois casais pra cá.

Então eles estão soltos, né?

Depois que a gente montou a Associação, a gente foi convidado a participar de alguns eventos junto com o museu do folclore, comissão estadual do folclore, comissão nacional do folclore, a própria UNESCO e alguns eventos malucos, do tipo, teve um encontro nacional dos tolkenianos, Tolkien, do Senhor dos Anéis, então foi na casa Mário de Andrade ou Osvaldo de Andrade, qual que é que tem lá em São Paulo? Num sei, uma dessas aí...

Daí pro pessoal alugar pra eles fazerem o evento, eles exigiram que tivesse um debate no final com o mundo de Tolkien, o saci e o lobisomem, então você imagina, nós fomos de manhã no evento, passamos o dia todo no evento e o pessoal vestido de Senhor dos Anéis, sabe? Aqueles pezões peludos, as meninas afinavam a orelha, com durex, pra parece elfo, aí tinha uns caras que falaram sobre línguas élficas e tudo mais, e daí a gente foi no final, imagine, no auge da coisa, pára tudo, vai pra um salão enorme, encheu, todo mundo foi pra lá e como é que você vai falar de saci pra um povo desse?

Daí a gente fez. Então começou um cara falo sobre línguas élficas, o outro falou do mundo de Tolkien e aí eu tinha que chama todo mundo pro saci, né?

Então eu comecei: Olha gente, vocês vieram lá das Terras altas, Terras médias, num sei quê, aí você vem vindo, vem vindo, Botucatu, Botucatu, saci. Aí foi muito legal, porque, assim que você via, fez um paralelo do mundo Lobatiano com o mundo de Tolkien, o Lobato tinha no sítio do Pica-pau-amarelo um monte de coisa, tinha uma linguagem diferente, tinha o minotauro, então ele misturava mitologia grega, misturava um monte de coisa, e o resgate do saci, acabava puxando esse mundo também. Então do saci a gente acabou participando de várias coisas que acabou resgatando um monte de outras informações, um monte de outras histórias. Então era muito maluco você participar de um negócio desse e entrar em discussões conceituais de folclore. Não só teórica, porque o folclore é como tradição oral, né? Mas discussões filosóficas, por exemplo, qual vai ser o dia do saci? Então tem toda essa discussão sobre o dia do saci. Ahh ser 31 de outubro, só que ai a meta é de 31 de outubro é por ser no

dia do halloween. Em vez de ser halloween, er dia do saci, então pra nós, assim, é um troço estranho. Como é que eu que trabalho com uma cultura, com um folclore, com uma história que eu quero que cresça, porque que eu vou trabalhar, usar qualquer energia que seja pra diminuir uma outra? ... Então, assim, é um troço estranho.

É um lance de levar vantagem sobre tudo, é um troço estranho, fazer crescer a minha cultura sobre a outra, meio como os espanhóis fizeram na América, vou construir igreja em cima dos templos dos caras, né...e outra, toda vez que a pessoa for justificar o dia do saci é dia 31 de outubro, por quê? Ah, porque era o dia do halloween.

Então você acaba reforçando o halloween. Então é contra producente, e a gente achava sim que a gente deveria gastar energia reforçando sim o folclore, o saci tudo mais, mas voltado pra reforçar e não pra diminuir um outro, ou seja, eu num tenho que crescer com a diminuição de alguém, ou de alguma cultura, então essa foi assim, esses foram os pontos onde a gente passou um debate forte com UNESCO com várias prefeituras, inclusive teve várias que seguiram em frente e conseguiram colocar a data, inclusive, acho que em nível federal é dia 31 de outubro, mas então a gente aproveita essa oportunidade que foi criada a data pra falar sobre saci, e um pouco desvinculando essa história de ser no dia do halloween. Não temos nada contra o halloween, sabe? Aquele negócio: *Yankes go home*, aquela coisa bem antiga, da supremacia americana, até porque o halloween não é americano. Ele é um troço que vem lá dos celtas, e tudo mais e tem toda uma história legal, então por causa do saci, por causa da associação, a gente acabou se envolvendo com um monte de outras coisas que acabaram puxando.

EU: QUANDO VOCÊS CRIARAM A ASSOCIAÇÃO VOCÊS ACHAVAM Q IA TOMAR ESSA PROPORÇÃO?

JOSÉ: Não. A gente não tinha noção nenhuma.

EU: COMEÇOU COM INTUITO DE QUE?

JOSÉ: Ahh... foi uma reunião de amigos..começou com a gente mexendo com o saci lá na mata, como já te falei e tal e aí começou um dia eu tava com uns amigos músicos, Paulo Freire e tal, foi fazer um show em Campinas e ele sabia que a gente criava saci aqui, e ele falou: eu queria chama uma pessoa pra contar história de uma criação de saci em Botucatu, daí disso tinha um repórter na plateia, o cara fez uma entrevista comigo, saiu no jornal em Campinas, daí disso começou a sair em vários outros jornais, aí pegou uma mídia maior uma

mídia de televisão, Globo, SBT, Jô Soares, aquela coisa toda e aquilo cresceu bastante, mas mesmo assim a gente já trabalhava com isso antes. Mesmo a associação não tendo a mídia e ela foi crescendo meio que assim de boca a boca, então num tinha uma exigência de pagar nada, num tem uma taxa, num tem uma carteirinha, não tem um melhor criador que o outro, o cara que faz qualquer trabalho que acaba tocando nesse assunto, acaba criando um folclore, acaba sendo um criador de saci, então a gente num tinha uma exigência.

EU: A ASSOCIAÇÃO TEM ALGUM PROJETO DE OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA OU ALGO ASSIM?

JOSÉ: Acabaram surgindo, assim meio que naturalmente, também nessa anarquia da associação, porque assim todas as pessoas da associação trabalham com outras coisas, então acaba só contribuição pessoal, o cara vai lá, conta história, faz alguma coisa, mas isso foi uma das coisas legais também, a gente acabou reunindo nos festivais, alguma coisa que a gente ia, acabava a apresentação que a gente falava da história e chamava as pessoas pra contar história, então toda vez que tinha uma apresentação nossa, a gente abria espaço pra elas contarem.

E muitas pessoas vieram dar depoimentos de coisas que elas tinham vivido, do saci, pô. Olha isso aconteceu comigo, aconteceu com meu pai, contava com riqueza de detalhes, escritores que escreveram sobre duendes um tempão que falavam: *vou ter que recuperar esse tempo porque a minha infância foi sobre o saci, agora to falando de duendes.*

E apareceram pessoas de dentro da associação que acabaram também seguindo algumas histórias por exemplo, minha mãe, foi na Ana Maria Braga, é convidada pra contar história nas escolas, houve uma valorização de algumas pessoas, não só ela, mas várias outras pessoas que apareceram e a gente nunca colocou assim: *oh! essa é a versão do saci de verdade, essa é mentira*, isso..a gente nunca foi dono da história do saci, a gente quer realmente que as pessoas tenham vontade de falar sobre saci e até tenham a gente pra botar a culpa, falar assim eu não acredito, mas aqueles caras lá mexem com isso, mas a gente num tinha dimensão de que isso ia toma, aqui em Botucatu, por exemplo, a gente já existia há muito tempo, aí de repente um secretário pegou e falou: *vamos fazer uma festa do saci*. Aí começou, agora ta na 11ª edição.

Então, o saci em Botucatu sofreu um monte de preconceitos, religiosos, políticos, mas de repente ta aqui, com a mesma equipe que tava trabalhando antes, ou seja, as coisas foram

voltando pro trilho, a prefeitura agora ta trabalhando junto com a gente fazendo um evento que foi legal, bem mais estruturado que os outros.

E baseado nisso as pessoas viram um potencial turístico pro saci, ahh.. a educação não viu, a cultura não viu, e de repente o turismo viu. Então qual que é a nossa função? Tentar ajudar ao máximo esses caras que tão ajudando, fazendo isso.

Joanópolis tem uma festa também que ta chamando a gente pra ir.

Da associação do saci nasceu a associação dos criadores de lobisomem de Joanópolis, nasceu a da mula-sem-cabeça, na Serra do Caraça. E muitas outras que nasceram e morreram também. Mas só de ter, entendeu?

Mas a gente acabou com isso envolvido, por exemplo, o SESC fez um trabalho muito legal sobre isso, a gente viajou o Brasil inteiro fazendo palestra sobre o saci, o Paulo Freire montou um show que chamava *São Gonzalo e o Saci*, onde ele contava a história de São Gonzalo e eu contava história de saci, viajamos também o Brasil inteiro, fizemos vários trabalhos. Escolas iam fazer evento, semana do folclore, daí chamava a gente e a gente ajudava a preparar atividade, sempre trabalhando muito pra aumentar o mítico, pra aumentar a curiosidade, então a gente não trabalhava com imagem, uma foto do saci, nada disso, então a gente fazia brincadeira na sala de aula, misturava o tênis das crianças, lancheira, bolinha de gude dentro do tênis, enfim, fazendo um monte de coisa que lembrassem as artes do saci.

Fizemos um trabalho legal em Campinas com uma escola, escola comunitária, que ao invés de trabalhar com as crianças a gente não fez nenhum trabalho com as crianças, foi a semana do folclore, a gente fez um trabalho, uma semana antes, com os professores, então os professores trabalharam com as crianças e nós trabalhamos com os pais, então, os pais da escola eram obrigados a participar de eventos com a gente, então a gente ensinava eles a contar histórias, ensinava assim, sentava e batia papo, num tem como ensinar, né? Mas assim, mostrar pra eles a história da contação de causo, ou até, fizemos um show pra eles falamos sobre a história do saci, e tal e a gente meio que foi usado como desculpa pra eles poderem fala sobre saci. Então a gente não atuou direto com crianças, a gente atuou com os professores pros professores entenderem também isso do folclore, dúvidas de como abordar, como brincar, porque as vezes o pessoal pensa tanto teórico, tenta tanto buscar um fundamento filosófico teórico, um troço assim muito voltado pra educação, assim um troço muito mais sério do que o lúdico, né?

Então a gente levava pro lúdico e as vezes dava certo, as vezes dava errado, mas as vezes dava certo, então foi com os professores e com os pais.

E a gente teve aqui na UNESP, por exemplo, fazendo palestra pra agrônomo, então a ideia do folclore, porque, assim, muito do folclore nasceu da ideia das matas, as matas do Brasil eram muito exuberantes e muito diferentes, então porque que existia, quando eu fui convidado pra fazer uma palestra do saci na engenharia florestal aqui, daí o que que aconteceu? Eu comecei a pesquisar e vi o seguinte que nas matas reflorestadas, principalmente matas uniformes, eucaliptos e tudo mais, não tinha folclore, num tinha mito, as pessoas num tinham medo de entrar nas matas e tudo mais, porque assim, o pai do mito é o medo.

Então, quando você ia numa floresta escura que tivesse um monte de arvores de tamanhos diferentes, barulhos diferentes, então tinha formas e sombras e reflexos que davam a ilusão do medo e com uma floresta só de pinhos, por exemplo, não tem nada né, então os caras não tinha medo, então era essa jogada, então a gente acabou envolvido em congressos de agronomia, engenharia florestal, psicólogos.

Uma vez fui participar de um trabalho em São Jose dos Campos, eu acho que eram psicoterapeutas, coisa assim e eu fui falar sobre o saci pra eles. Então o lado lúdico do saci para a terapia, o que as pessoas falavam. Então, teve um cara que falo assim que ele foi condenado a uma terapia, a família falou, olha você vai ter que fazer terapia, ele ia e ele falou pro terapeuta, eu nunca vou toca no assunto com você da minha vida, eu vô entra aqui, vou fica uma hora, vou cumprir todo o período e num vou fala nada. O cara falou: beleza. Acho que isso até faz parte, aí um dia eles começaram a falar sobre a gente, os criadores de saci e daí foi super legal, diz que ele criou um caminho com o cara e fez o tratamento do cara, conseguiu quebrar uma série de barreiras, então até pra isso o saci foi usado.

Até nessa palestra foi muito engraçado que eu falava de saci e eu achava que era o mais maluco, mas aí eu vi que eles eram muito mais maluco que eu.

Então acho assim, a sequência disso tudo, de você ver pessoas envolvidas, você, de repente fazendo um trabalho com isso, um monte de outros trabalhos que foram feitos, é legal isso, às vezes eu olho o festival e penso como é que começou isso... É engraçado.

EU: QUANDO O PESSOAL VEM ATRÁS DA ASSOCIAÇÃO ELES VEM ATRÁS DE QUEM?

JOSÉ: Antes era de mim, agora eu acho assim, até por eu ta em Campinas, e tal, fica mais difícil, então o pessoal vai em casa, minha mãe acabou aparecendo na televisão, e a coisa meio que diluiu. Então, já num ta mais personalizada em mim, ta muito mais espalhada na associação propriamente dito.

EU: MAS COMO FUNCIONA? EU FALO QUE CRIO SACI E ALGUÉM VAI VIR ATRÁS DE MIM?

JOSÉ: Mais ou menos assim, mas aconteceu isso, algumas pessoas falaram. Assim, na associação acaba falando eu, minha mãe, a Marisa, o Zé Eduardo, algumas pessoas acabam falando mais em nome da associação, mas é uma coisa natural, ou seja, pra falar em nome da associação somos nós, mas pra falar de saci não.

Sobre saci, eu fui num evento e vi uma mulher que era estudiosa de Monteiro Lobato, eu fiquei de queixo caído de ver ela falar sobre Lobato, sobre o saci tal, então as vezes sai da lenda, do saci das histórias e vai pro lado mais sério, o lado do folclorista, o que que é o mito, o que que é uma lenda, o mito em movimento, eu acho super legal o lado teórico, então as vezes a gente compra livros e tal, estuda pra caramba pra entender o que que é o folclore, o que que é o mito, mas tem o lado lúdico, o lado mais leve, que é o lado do contador de história, o cara vai contar a vida dele e assim você começa a ver, os mitos eles foram muito inventados pra por medo nas crianças, por exemplo, pra poder disciplinar, então, num vai na rua, porque o homem do saco leva você, num vai no mato sozinho, porque o saci te leva, o cigano levava, aqueles mitos malucos, então tem a lenda urbana, a lenda rural e eles eram muito disciplinadores, então, você vê que as pessoas de alguma forma acabam lembrando disso, acaba resgatando não só o saci, tem o lobisomem e algumas lendas que eu nem sabia.

Pô, aqui em Mineiros do Tiete tem o Unhudo, que é um cara que fica de um lado do rio Tiete, joga alguém do outro lado, um troço assim, então várias lendas que são muitos locais e acabam entrando no folclore da própria família o e algumas famílias tem umas frases que só eles entendem, né? Que nem, em casa, tinha o: “*mete o pau, Zé Gardinho*”, porra isso num tem lógica nenhuma pra ninguém, mas isso era uma história de uma tia minha, então, isso é um folclore, então esse envolvimento, essa história, essa lenda, essa relação que foi legal, a gente acabar se envolvendo com isso, eu num tinha noção nenhuma do que era, mas é gostoso. O tempo inteiro você ta aprendendo. E o lance do saci, por ter toda essa parte mística, real e não real, você tem toda liberdade, num tem um dono, num tem uma coisa fechada, então acho que isso serviu de desculpa pra quebrar e lá em 1919, Monteiro Lobato já

falava isso, que ele achava que o mundo tava muito sério, tava cheio de guerra e tal e que ele criou o Inquérito do Saci pra isso.

EU: MAS TEM CARGOS NA ASSOCIAÇÃO?

JOSÉ: Esses cargos surgiram a gente num sabe da onde também, entendeu? Como eu fui o primeiro a sair, virei presidente, fora isso num existe nenhum cargo, e esses cargos também, assim né? Um cargo que ah... presidente, qual a função do presidente? Ah... é o que mais se expõe, só isso, num tem uma estrutura. A associação até pela anarquia dela num tem uma estrutura.

EU: TEM UMA SEDE?

JOSÉ: Acaba ficando na minha mãe, aqui onde o pessoal vai e tem como referencia. Agora que nem, nasceu a Confraria do Saci, que é um bar lá, e também se você for lá, a Luciana tem material lá, pra vender também, mas eles buscam em casa.

EU: ELES SÃO PARENTES SEU?

JOSÉ: Não. Eles são vizinhos, eles moram na frente de casa, então a história da Luciana, acho que ela fez um curso baseada nisso também e acabo investindo nessa historia da confraria, ta patrocinando aqui o evento e tal, mas a ideia era essa, num tem um dono. A prefeitura desenhou uma figura sobre o saci e fez todo o material do evento baseado no desenho, esse desenho é muito bonito, então a gente já vai copiar o desenho deles, ou seja, a ideia é assim, meio que não ter o proprietário, a gente num ganha dinheiro com isso, é lógico tem que vender a camiseta, tudo mais, mas acaba num sendo a função de cada um.

EU: E PRA ONDE VAI O DINHEIRO?

JOSÉ: Reinveste no próprio material, acaba fazendo alguns trabalhos, é lógico tem a remuneração do pessoal que trabalhou nisso, ontem tinha uma menina que trabalhou aqui, então nós vamos pagar o salário dela. Pagar a camiseta, tem que fazer um estoque, esses estoques acabam sendo muito grandes, então pra vender uma camiseta tenho que ter mais ou menos 5, porque você gosta de branco, tem que ter branco, preto, azul, a tal da grade, mas por exemplo, eu faço palestra, vou viajar e num cobro nada, de repente, por exemplo, o SESC nos pagava salário e tudo mais, mas de repente eu vou pra uma escola e num tem nada eu vou lá pra fala sobre o saci, tentar falar, até porque essa num é minha profissão também, eu trabalho com outra coisa e de repente acabo fazendo isso.

A associação acabou virando uma associação onde a gente tem algumas definições, por exemplo, envolvimento da associação com esse evento, o festival, acaba envolvido com a prefeitura, aí a gente puxa pra nós e nós que coordenamos, fomos junto com o Fred secretário do turismo, trabalhamos junto, discutimos junto uma série de coisa, aí decidimos usar o símbolo, nós temos um zelo muito grande por esse símbolo, por essas coisas, mas num é uma ... não sobre o saci, o saci a gente zela e cuida, mas não é assim: *nós somos os donos do saci, se num for com a gente num da certo*, não.

Então, lá em São Luis do Paraitinga tem a SOSACI, que é um trabalho super legal também, eles estão super estruturado, mas acho que lá tem uma hierarquia maior, e a gente acabou num tendo essa hierarquia até pelo envolvimento das pessoas, as pessoas foram se envolvendo de outras formas. Você fala eu sou criador de saci, eu tenho um adesivo, ou num tenho adesivo, aconteceu comigo isso, a gente sempre pede pra pessoa para ser criador de saci ela pode criar tanto lá na mata, ir lá na mata cuidar do bichinho, como também contar uma história, você acaba criando, acaba resgatando algumas histórias de saci, mas num tem, num tem remuneração, num tem nada, faz pela vontade de fazer só, num tem uma estrutura, num tem nada que você possa falar isso é da associação.

A sede nossa acaba sendo sempre a casa de alguém fazendo um churrasco, reunião do saci, vamos nos reunir, aí o pessoal da mais ideia ahh.. vamos fazer isso, fazer aquilo, uma coisa muito informal.

EU: BOTUCATU VIROU A CIDADE DO SACI POR CAUSA DE VOCÊS?

JOSÉ: Sim. Foi porque eu comecei a ir pros lugares falando sobre a associação, que era de Botucatu e que tinha o pessoal que criava saci, e como toda movimentação teve as pessoas que foram contra completamente contra, fala que absurdo que Botucatu tem pessoas que criam saci tal tal, mas a gente nunca, a associação nunca se arvorou a dizer Botucatu é uma cidade que todos criam saci, não. A ideia é que Botucatu é de onde eu sou, sou de lá e eu crio saci, então em Botucatu tem criador de saci, então não é uma imposição, e as pessoas começaram se envolvendo nisso, passando de boca, e a coisa começou a ficar a cidade do saci.

A rede globo montou uma vez uma coisa muito legal, que eu teria que ir pra Lobato e dizer que aqui era a cidade do saci, então é aqui que tem saci e a gente num foi, por mais que pudesse ganhar dinheiro, quando teve um problema em Botucatu que num podia mais fala de

saci e tudo mais, Pardinho veio e disse vocês num querem vir pra cá, o saci mudou pra lá, mas num era assim, nós somos os criadores de saci e nós somos de Botucatu, então a associação onde fica os criadores de saci é em Botucatu, aonde tem saci? Aonde tem saci tem em vários lugares, nós num tamo falando que só aqui tem saci, então tem gente que vem e fala como é que eu levo um saci pra Jundiaí, pô procura lá, lá deve ter, faça seu trabalho lá, a associação da o suporte...

EU: POR QUE TEVE TANTO PRECONCEITO AQUI?

JOSÉ: Acho que não tem como usar meias palavras, é ignorância. Falta de conhecimento.

É uma ignorância da cultura, da origem do saci, da origem do mito da história do mito, e de uma ignorância mesmo, confundir isso com religião, confundir com política...

EU: SERIA UMA POUCA VALORIZAÇÃO DO FOLCLORE NACIONAL?

JOSÉ: Acho que sim. A gente quando vai falar de saci, escuta assim, nossa tem alguém falando de saci? Era muito comum pra gente ouvir falar de saci, falar em fantasma, lobisomem, era muito mais comum, a gente num tem muito isso, e o problema maior é tornar as pessoas estudiosas sobre o saci, ou sobre o folclore ou sobre o mito, porque aí perde o lúdico, perde a graça e começa a dar uma razão, a verdade e a mentira e aí começa assim, o saci é originário da onde? Então, o saci é originário nacional, mas tem elementos europeus, que é o chapeuzinho dele, tem esse negócio do poder dele, porque que ele tem uma perna? Ele já nasceu com uma perna, ahh houve uma especialização do animal, mas mais do que isso, você começa a ver livros que são estudiosos do folclore, ao invés de mostrar a origem, começa a estudar muito a ficar muito teórico, ahh legal eu sou um especialista em folclore ou em saci, é perigoso isso, então quais são os riscos né?

Então começa associar um evento que era mais solto, então eu acho que aqui teve uma ignorância, misturou a história da cultura, do elemento cultural, do evento em si do saci de todo, um elemento pra você trabalhar numa sala de aula, numa escola, onde for, todo trabalho que poderia ser feito acabou perdendo porque alguém falou assim: “ah! Isso aqui é do demônio.” Então eu acho assim, estudar é legal porque você aprende de onde veio pra você num falar bobagem, não estudar é um troço que é perigoso, porque a pessoa acaba dizendo uma bobagem e acaba tendo uma série de consequência desse tipo, como disse: *isso aqui é do demônio...* então eu acho que isso é complicado, é perigoso.

Em todo lugar você vai encontrar isso (*nem todo mundo gostar do título*), fui pra Itu, fui numa loja eu jamais iria pra Itu, de repente tava com criança: vamos pra Itu, que é a cidade do grande, compraram um estilingue grande, um pente, caneta enorme, e daí fomos conhecer uma igreja e a igreja é de 1600 e alguma coisa, e daí as pessoas falaram ta vendo as pessoas vem pra cá pra ver as pessoas que falam que é grande, um absurdo ficar divulgando que Itu é isso, Itu é aquilo. Falei, pô mas meu, nós viemos pra ver um negócio grande e fomos ver uma igreja, né? Então, não tem porque você num usar isso, e sempre vai ter, e eu acho que isso é legal, porque tudo que é unanimidade acaba o assunto, né? Então eu acho legal ter essas discussões, desde que elas sejam respeitadas e não partam pra ignorância, você virar e dizer isso é coisa do demônio, num vamos falar mais, isso é perigoso, né?

Mas os mitos, o saci, todos os outros mitos, as lendas e a própria cultura popular ela foi fixada, transmitida através de conversa. Era o folclore, se você pegar na raiz mesmo era transmitido oralmente. Tudo que fosse escrito já num era mais folclore... Porque era a conversa do povo, então quando você tem isso se você perde esse tipo de diálogo estraga, e se você evita o diálogo também estraga. Então você pegar onde ta o positivo disso tudo? Onde é que se reúne os lados positivos, acaba envolvendo religião, política, um monte de coisa, se a gente num conversar sobre isso fica complicado, você acaba tendo um mundo chato, aquela coisa muito quadrada, né?

Num tem nada, né? Você num pode questionar. Tipo assim, você pega a moda, se você usar uma camiseta de um jeito um pouco diferente, você ta fora da moda e por quê? Mas porque fora da moda né? É um outro estilo, de repente. E assim é a cultura.

(*A Festa do Saci*) Antes era da secretaria da cultura, reunir todos os eventos e tal, depois da educação, pô, educação né, daí eu entro e falo isso aqui num posso mais falar, isso é um folclore e num posso falar, essa é a história, de repente apareceu um lado, dentro desse mundo apareceu o turismo, e ah vamos tocar em frente, o cara viu um outro lado, o quanto isso atrai de turismo, o tanto de gente que veio na feira, e gera uma receita, sei lá, aquilo da um retorno pra cidade. E esse negócio de dizer a cidade é do saci, num é do saci, isso sempre vai ter, vai ter essa discussão eu quero que seja do saci, num quero que seja do saci, sempre vai ter, e é legal, é construtivo, acaba puxando a conversa, acaba falando sobre o assunto. A pessoa pode ser contra, pode ser o que for, mas tem muita gente a favor, e o pessoal que a gente tem visto aí na feira, bastante gente vindo falar que legal resgatar a festa, que bacana que voltou, que legal.

Um ano a prefeitura num fez e os próprios artesãos se reuniram e fizeram, foi quando também deu uma chacoalhada na prefeitura e tal, então eu digo assim, esses mitos eles são maiores que as religiões, do que a população, do que a prefeitura, digamos assim, e maior do que a associação. A associação é uma associação dos criadores de saci, mas o saci existe antes dos criadores, existe antes da prefeitura. Ele é muito maior que isso e isso é uma coisa que a gente num pode perder a dimensão, né? Dizendo que a associação é uma associação dos criadores de saci, mas o saci é maior que isso, o saci não é nosso, isso é uma das discussões que a gente tem internas de conversar, dizendo olha gente nós não somos donos, por exemplo nós vimos um desenho de uma outra associação e era super legal, então olha vocês estão muito melhores que a gente nisso, então que que nós podemos fazer como vocês, que nós podemos fazer pra te ajudar.

Então é um troço que começou muito pequeno, começou aumentar e a gente num tem noção como é que isso vai ficar, tem hora que enjoa, pô, lá vou eu de novo contar aquela história, mas tem um monte de gente que não ouviu. Então você tem que meio que se munir de alguma coisa e sair contando, num é fácil.

...

Antes quando as histórias, a escuridão vinham muito perto das casas, era tudo tênue, então aquelas sombras aqueles mistérios, tudo, aparecia um monte de fantasma, aquelas maluquices, e a luz foi iluminando tanto o pátio que foi levando a escuridão e a gente se contentou com aquilo que a gente ta vendo, então aquela dimensão, aquela área que a gente ta vendo iluminada nos contentou e a gente parou de ver na escuridão. Parou de olhar la pro outro lado...

Você num tem mais o lado da imaginação, o lado de você construir, por isso que a associação nunca trabalhou com um desenho do saci, ou uma foto do saci, a gente sempre trabalhou com alguns elementos que puxassem na memória, porque daí as pessoas resgatam o saci que elas tem na memória delas, aqui em Botucatu também, uma vez veio um hotel fazenda, queria que a gente falasse olha esse é o saci, que definisse alguma coisa, que a gente nunca quis definir a nossa maior briga era não definir, num ter uma coisa definida pra poder continuar, senão fica fechada, porque a partir de um momento que tiver um dono, aí o outro já num vai querer trabalhar sobre isso, que nem a política, a gente saiu, começaram os festivais na gestão do PT, aí quando entrou o PSDB teve um monte de problema, ah não, isso aqui era do PT tal e as coisas foram se ajustando e agora deu um puta de um evento, super legal o pessoal gostou, a

prefeitura parece que gostou também , teve um bom retorno, então é legal isso, você vê que a coisa é mais forte que isso.

Uma vez entrei num debate e o cara queria provar que eu tava mentindo que num existia saci , começou a questionar que raça que é, que animal que é. Eu disse: *cara, se você ficar contente que eu diga que é mentira, pronto, então eu digo: é mentira, tá? Num é esse o foco, num quero te convencer, num quero te vender nada, num quero te convencer de nada, quero te dizer o seguinte: existe e é legal, vai lá que você vai ver.* Daí você desarma essa discussão do que é...

Em vários eventos, no começo, a gente chegava falando sobre o saci, eu crio, eu crio, eu crio, daí ia indo, ia indo, aí o cara começava perguntar o que que ele come, que que ele bebe como é que faz, como é que num faz, aí chegava numa hora que as pessoas começavam a contar os causos e esquecia da verdade, entendeu, a gente sempre contava como é que pega saci, como é que num pega saci e daí a gente misturava um com o outro, a verdade e a mentira, a lenda e a verdade, isso que era legal.

DEPOIMENTOS DAS ARTESÃS QUE ESTAVAM EXPONDO SEUS TRABALHOS NO FESTIVAL NACIONAL DO SACI

Silza Elizabeth Esteves Pereira Almeida – artesã há bastante tempo

EU: O QUE É O SACI PRA SENHORA?

Uma figura folclórica que é muito popular pros brasileiros, especialmente aqui em Botucatu. Foi criado até esse festival em homenagem a essa figura folclórica que provoca muita curiosidade e que desde crianças até idosos sempre comparecem pra levar uma lembrancinha desse famoso personagem que tá no nosso dia-a-dia.

Então... O saci não existe, é claro, mas é uma figura lendária e essa região aproveitou esse gancho pra dizer que aqui em Botucatu é a morada do saci e os caçadores saem pelo mato a procurar o bichinho, eu tenho até aqui na minha banca, um casal, o saci e a sacizete – a esposa do saci, um par romântico, eu só não tenho os filhinhos.

Botucatu é considerada a cidade do saci, assim, nessa parte de festividades, de alegria, de comunicação e de trazer pra Botucatu alguma coisa a mais que desperte a atenção do público

e inclusive os nossos sacis são até importados, já tem diversas partes da Europa saci que foi levado daqui da feirinha, então ele é muito conhecido e a cidade está se tornando conhecida por causa desse movimento e das atrações que a gente traz envolvendo a figura do saci, porque aí você vai ver o saci na garrafa, o saci no lápis, o saci na xícara, o saci nos imas, na madeira, o saci pintado em tela, que trazem as matas, né, então a pessoa desenha e ali ela elabora a sua tela em cima desse tema.

Nós temos aqui em Botucatu, três casas de artesanato, uma na Rua General Telles e a outra na Rua da Livraria São Francisco e a outra loja é na Rodoviária e nas feiras você também encontra a gente. Nossa feira é itinerante então cada temporada nós estamos num ponto, uma hora a gente tá no Bosque, outra hora tá no Cardosinho, outra hora no Espaço Cultural, mas sempre tendo divulgação antes, e ainda está pra abrir, ainda está em cogitação, parece que agora estão querendo ver a parte legislativa pra que a gente futuramente talvez reabra uma loja no Lageado, porque ali já se tornou um ponto turístico. Mas parece que ainda estava dependendo de alguns acertos, num é certeza ainda e se você for em cada banca você vai ver um saci de um jeito. É muito interessante por isso.

TELMA

EU: O QUE ELE REPRESENTA PRA VOCÊ, TELMA?

Pra mim é só uma lenda, é que o povo de Botucatu, você pode dizer que é um povo brasileiro, porque o Brasil, pro Brasil é tudo festa, e é um povo unido apesar de muitas coisas que acontece, e Botucatu é um povo que ele é festeiro e o saci foi o modo da gente promover uma festa, pra ter a reunião né, do povo aqui você vê a lenda do saci é uma lenda alegre, num é uma coisa que assuste e é um povo unido que quando se propõe a fazer uma coisa ele faz, todo mundo se une e tanto pra ajudar, quanto na festa então pra gente é uma festa num é uma... é uma alegria né, pra nós artesãos, pro povo, você vê, num sei se você chegou a ver ontem de noite mas aqui tava assim, cheio de gente, e o povo de Botucatu gosta de coisa que leve você pra cima, nunca a gente .. sempre gosta de fazer.. num sei explicar assim pra você, ao invés de você ficar, não tá sempre procurando uma coisa pra ficar pra cima, ta sempre alguma coisa é motivo de festa, então, tudo é motivo de festa.

EU: O QUE A SENHORA ACHA DE BOTUCATU SER CONSIDERADA A TERRA DO SACI?

Pra mim no sentido que Botucatu tá sendo conhecido, levou a cidade a ser conhecida pra lá, e é como ela falou é um produto nosso que é bem exportado pra fora.

AS DUAS

S: A vida é tão dura, você liga a televisão e o que você vê?

Vê só desgraça, sequestro, mortes, assassinatos, acidente de trânsito, você só vê coisas... Droga, crime, então aqui é a leveza, é a festa da alegria eu acho, onde todo mundo tá bem leve, ta brincando e as pessoas entram no clima da brincadeira. É lógico que não pode ser levado a sério, achar que vai sair daqui de braço dado com o saci, num é bem assim.

T: Botucatu precisa um pouco mais de PROPAGANDA... Que nem, aqui tem o *trekking*, trilha, o pessoal faz de carro, aqui é feito um grupos de pessoas que fazem trilhas,então tem o tempo determinado, tem provas, que fazem durante a trilha, que nem se fosse um rali, só que de caminhada, tem cavernas, mas Botucatu tem muita coisa,se você entrar no site e por tudo o que você digitar lá, você vai ver,tem muita coisa bonita, tem coisa que nem o pessoal não conhece.

S: E tem muita cachoeira e tem uma área verde maravilhosa, espaços bonitos, né?

T: eu num conhecia a caverna, não conhecia essa Cascata Mel, fiquei conhecendo no CVV, que tem uma moça que é voluntária também e o marido dela faz *trekking* trilha e ela mostrou as fotos, se você ver cada lugar lindo, é muito bonito. Botucatu falta um pouco de divulgação, porque tem muita coisa bonita. Tem bastante coisa bonita.

DEPOIMENTO DE ARTESÃ QUE NÃO QUIS SER IDENTIFICADA.

EU: TEM MUITA GENTE EM BOTUCATU QUE NÃO GOSTA DO SACI ENTÃO ESTOU PESQUISANDO ISSO.

Tem uma cultura religiosa que num admite, que a gente respeita, mas que num admite, então a gente sabe que o saci é uma coisa lendária e tem religião que num aceita isso, mas é ponto de vista de cada um que a gente respeita, mas pela quantidade de pessoas que vem aqui, eu

acredito que a maioria das pessoas adere a ideia e compra e dá de lembrancinha para os amigos, é uma grande brincadeira.

ENTREVISTA COM TIAGO DONINI, ASSESSOR DA SECRETARIA DO TURISMO DE BOTUCATU

EU: EXISTE UMA DATA PARA OCORRER O FESTIVAL?

TIAGO: Sim, ele é realizado em outubro devido ao dia municipal do saci, é o dia intitulado o dia do halloween, e foi criada uma lei, a lei do saci, então a gente faz em outubro e não em agosto que é o mês do folclore.

Antigamente era em agosto junto com o folclore, né? 22 de agosto, agora passou pra outubro, então agora o festival em Botucatu vai começar a ser em outubro.

EU: O QUE MUDOU NA FESTA?

TIAGO: A gente incrementou a festa, com atrações artísticas musicais e uma área de exposição. Exposição de coisas de Botucatu que também remetem ao saci. O artesanato, ele procura fazer mais trabalhos de Botucatu, toda e qualquer peça a gente pediu para eles trabalharem em cima desse tema do saci, até porque, para o turista e o munícipe ter uma lembrança de Botucatu que é vinculada ao saci, certo?

O pessoal da culinária também a gente pediu para elaborar vários pratos do saci, elaborar uma culinária onde que atingisse aquilo que o saci come, então coisas que vem da natureza da mata, coisas naturais, eles também criaram esse tipo de coisa.

EU: ESSE PESSOAL DA CULINÁRIA É LIGADO A QUEM?

TIAGO: É ligado a prefeitura, pelas feiras de artesanato que a gente faz, é o pessoal que faz as feiras no Bosque, na Catedral, no Espaço Cultural, no aniversário da cidade, festas da Secretaria da Cultura, eles passam por um treinamento junto com o SEBRAE, que chama

ALIMENTO SEGURO, eles passam por esse treinamento pra se capacitar pra poder trabalhar com a gente, por causa de Vigilância Sanitária, tem toda uma regulamentação disso aí, não é qualquer um que participa das feiras de culinária. Os artesãos são cadastrados pela SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades), pra depois poder atuar com carteirinha, poder tirar notas nas nossas feiras também.

EU: VOCÊS ASSOCIAM A FIGURA DO SACI COMO GUARDIÃO DAS MATAS?

TIAGO: Sim.

EU: TEVE ATIVIDADES LÚDICAS PARA CRIANÇAS NO FESTIVAL?

TIAGO: Não, mas a gente tem a intenção de fazer atividades lúdicas para crianças, sempre teve nos anos anteriores, ne? Tinham painéis educativos, o redemoinho, boliche do saci, na época da Lúcia.

Esse ano teve os painéis para bater foto, do saci, da Iara também. Tem uns 6 painéis lá.

EU: O QUE REPRESENTA O SACI PRA BOTUCATU?

TIAGO: Personagem que o Turismo tem a intenção de utilizar pra divulgar a cidade. Num deixa de ser um chamariz, ne? Um marco que a gente tenta vincular ele aos produtos do Turismo pra comercializar e vender fora de Botucatu. Então é interesse do turismo ter esse personagem que a hora que você fale, quando você lembra da cidade de Botucatu, através de internet, através de um souvenir, através de uma matéria. Então hoje Botucatu é lembrado, tanto que o Festival do Saci saiu em diversas matérias, site da UOL, site de Botucatu, site da região falando do Festival de 2011 de Botucatu e pra 2012 a gente quer enfatizar mais ainda essa divulgação fora de Botucatu e também dentro de Botucatu, o ano passado a gente fez teatros nos semáforos, nos restaurantes, temos também a intenção de continuar e até aprimorar essa divulgação antes do evento.

Foi um investimento bacana que nos deu um retorno.

EU: VOCÊS TIVERAM UM RETORNO LEGAL DA FEIRA?

TIAGO: Sim, teve uma visitação legal, foi muito bacana.

EU: VOCÊS TEM IDEIA DE QUANTAS PESSOAS PASSARAM LA?

TIAGO: Saiu. Posso procurar pra você. Foi feito uma matérinha sim.

EU: EM AGOSTO VOCÊS FAZEM A FEIRA DO FOLCLORE?

TIAGO: Essa é realizado pela Secretaria da Cultura, a gente entra só com a feira daí.

SOBRE A FESTA DE 2011

*TIAGO :*O primeiro dia foi mais fraco, no sábado e domingo já encheu bem, já. Num parece, mas circula muita gente, ne? O pessoal vai na feira, na culinária, daí da um rodízio de pessoas o dia todo.

O que a gente queria incrementar esse ano é aumentar a área de exposição, esse ano a gente trouxe o cara da Mina lá com o Bar do Nerso, esse ano a gente vai fazer outros convites para outras pessoas exporem seus produtos, vinculados a história, vinculado ao saci, vinculado a Botucatu, aumentar esse campo de visitação. Não só o cara vai só na atração musical, não só pra culinária, é um contexto geral daí. Aumentar isso aí .

EU: TEM UMA INTEGRAÇÃO GRANDE ENTRE SECRETARIA DE CULTURA E DE TURISMO?

TIAGO: Tem sim, esse tipo de festa nenhuma secretaria resiste sozinha, ela tem o apoio de diversas secretarias, secretaria da cultura que nos apoiou fazendo folhetos do material que ta sendo produzido. Educação... Nesse festival não nos apoia tanto, já apoia em outros eventos da secretaria, mas são parcerias que são feitas que dependem desse contato. Tem que ter. Tem que ter envolvimento da prefeitura com a comunidade, da prefeitura com o visitante, com o turista, pensar como a gente vai tá recebendo, aonde a gente vai ta recebendo, criar... por isso que ano passado a gente trabalhou muito com restaurantes, porque a gente quer envolver a cidade como um todo. Tá preparada para o turista vir e vivenciar o festival do saci, não só no festival, mas como na cidade como um todo, então foi colocado banners, divulgação, outdoors, foi colocado tocas no pessoal dos restaurantes, toalhas americanas, com historinhas do saci, então a intenção é que naquela semana do festival vivenciar isso o máximo possível.

EU: VOCÊ ACHA QUE TEM UM ENVOLVIMENTO MAIOR DA COMUNIDADE DE BOTUCATU OU DOS TURISTAS?

TIAGO: Os turistas abraçam mais a causa. Botucatu ainda é conhecido como a cidade do saci mais fora de Botucatu do que dentro de Botucatu, por isso esse trabalho de conscientizar aqui,

conscientizar o pequeno restaurante, conscientizar o comércio, tentar agregar valores pra deixar a festa mais forte aqui, pra que quando o turista vier a cidade estar preparada e ele se sentir que esta na cidade do saci mesmo.

EU: NA CONVENÇÃO DE CULTURA, O PESSOAL TAVA DISCUTINDO QUAL A FIGURA FORTE DE BOTUCATU. E LÁ EU OUVI UM PESSOAL CRITICANDO BOTUCATU SER A TERRA DO SACI POR NÃO TER NADA A VER COM BOTUCATU.

TIAGO: Tem, tem a ver sim.

EU: A IDEIA É FAZER COM QUE O PESSOAL SINTA QUE O SACI FAZ PARTE DE BOTUCATU?

TIAGO: A ideia do turismo é que o pessoal sinta que faz parte, que pelas matas, pelo potencial de ecoturismo de Botucatu tem tudo a ver, tem tudo a ver com o saci, com preservação, com vivenciar um folclore, com turismo. Tem a ver com todos os aspectos que é bom pra cidade e a gente quer trabalhar isso e a gente acredita que Botucatu é a terra do saci, é a terra da aventura, que o saci protege as nossas matas, ajuda a divulgar a cidade. A gente quer. A gente acredita que Botucatu é a terra do saci.

EU: POR QUE VOCÊS ACHAM QUE TEM TANTA RESISTENCIA, PRECONCEITO QUANTO AO TEMA?

TIAGO: Não chega a ser preconceito, chega a ser até fator político, chega a ser desconhecimento, chega a ser... não saber as coisas boas que tem por trás disso e aonde Botucatu pode ganhar com isso. Então você ter um trabalho desse onde uma cidade pode ser conhecida por determinado aspecto, é muito importante, pro turismo isso é fantástico. Na hora que você lembra do saci, você lembra de Botucatu, você atrai um turista pra cidade e ele estando na cidade depois ele pode conhecer diversos outros aspectos nossos. Não só pra cultura, mas depois ele pode fazer ecoturismo, pode fazer o centro histórico, ele estando aqui a gente consegue trabalhar melhor o fator turismo o mais difícil é captar e você trazer essa pessoa para cá, uma vez que você trouxe por um chamariz como a terra do saci é mais fácil de você trabalhar.

EU: E NAS ESCOLAS VOCÊ PERCEBE QUE TEM ALGUMA COISA PARA INCENTIVAR AS CRIANÇAS QUANTO A ISSO?

TIAGO: Atualmente não.

EU: NÃO TEM NENHUM TRABALHO NESSE SENTIDO, VOCÊ ACHA QUE SERIA LEGAL?

TIAGO: Foi feito um trabalho na escola do meio ambiente, uma trilha do saci onde era um projeto da secretaria de turismo com a secretaria da educação, parte de culinária, trilha, artesanato, a gente confeccionava também chaveiro ilustrativo pras crianças levarem, mas esse projeto é um projeto que acontecia em agosto devido ao mês do Folclore. Agora alguns anos pra cá a gente não fez mais esse projeto, mas tem a intenção de reativar.

EU: VOCÊ ACHA QUE DEU RETORNO ESSE PROJETO NA ÉPOCA?

TIAGO: Deu, deu, muitas crianças faziam a trilha do saci, saíam com folheto do saci ensinando o que, como é, sempre falando as coisas boas do saci, as traquinagens, nunca como maldade, então foi passado essa informação pra muitas crianças, era feito teatro na época, foi muito legal, muito bacana.

Tem a ideia de reativar esse projeto.

...

O pessoal que gosta é o pessoal que investe que quer deixar a chama acesa, o ano passado a gente fez o festival e a gente teve alguns patrocinadores que abraçaram a ideia junto com a gente, que pós festival foi feito um encontro que chamava: a noite da polenta do Saci, lá na Confraria do Saci, a gente fez uma filmagem com a Dona Tereza Guimarães, ela que preparou a comida, a gente fez em parceria com a ANCS mesmo, então foi a prefeitura com parceria com a ANCS, com a Confraria do Saci, a gente fez uma filmagem falando um pouco da culinária, e nisso a filmagem, rolou umas perguntas, umas histórias, o pessoal começou a contar. Quem fez o trabalho pra gente foi o Osmar Nascimento, e ele tá fazendo a edição também, capaz de sair até meio junto com os notívagos depois.

Mas foi muito legal, saci com pé esquerdo, saci com pé direito, como que funciona isso, o pessoal gostou muito das histórias, foi bem bacana, foi filmado também, então é mais ou menos isso, tá vivo, o pessoal que acredita, pessoal da ANCS, da Confraria que tem o restaurante como tema o saci, o pessoal investe, o pessoal quer divulgar, o pessoal está nas redes sociais aí, tá na internet e tem a intenção de fazer cada vez mais forte isso. Tem resistência? Tem. Como qualquer outro aspecto, tipo de dificuldade, sempre tem, mas aí a gente vai lutando e quando a gente acredita a gente gosta vai embora mesmo, isso aí faz quem

gosta, bota dinheiro do bolso quem gosta e acho que é uma coisa que vai dar certo sim e cada vez mais vai ser conhecida como terra do saci sim.

EU: COMO É QUE SURTIU ISSO DE SACI? FOI DEVIDO O FESTIVAL?...

TIAGO: O festival foi 11ª edição o ano passado, então a gente como prefeitura pretende dar sequencia numa coisa que é um sucesso e cada vez mais poder incrementar a festa e deixar ela mais bonita tanto pro munícipe quanto para o visitante. É uma coisa que vem acontecendo em Botucatu que vem ganhando força ao mesmo tempo que vem ganhando resistência, mas a gente vai trabalhar forte pra cada vez ter mais...

EU: LEMBRO QUE TEVE UM ANO QUE NÃO IA ACONTECER O FESTIVAL E OS PRÓPRIOS ARTESÃOS SE ORGANIZARAM PARA FAZER NÃO FOI?

TIAGO: Isso. Foi isso mesmo, os artesãos e o pessoal da culinária, eles foram atrás de patrocínio, teve um pequeno apoio da prefeitura, não muito grande como em edições anteriores, mas aconteceu e foi bacana, porque foi um envolvimento da comunidade em busca de uma causa que eles acreditam, então foi bom ter esse retorno deles, mas agora a prefeitura está engajada pra fazer uma festa cada vez ser melhor.

EU: VOCÊS TEM UM ENTROSAMENTO BEM GRANDE COM O PESSOAL DA COMUNIDADE?

TIAGO: Tem sim, cada vez ta juntando forças, então as rádios também estão com a gente na divulgação, a Criativa ano passado entrou com a parte de atração musical que facilitou e acabou chamando um pouco o público também, então cada vez mais tem que ir agregando, valores, parceiros, pra deixar cada vez maior.

É uma festa do povo, né? Não é uma festa da prefeitura, é uma festa da população de Botucatu, da comunidade de Botucatu, que com o apoio da prefeitura facilita na parte de atrações, principalmente de estrutura, mas é uma festa popular, que é feita com a população de Botucatu, que acho que não tem porque deixar de ser.

SACI PERERÊ

MODA DE VIOLA – MI+

AUTOR: RAMIRO VIOLA

22/08/2002

I

Esse é um caso do passado que em criança eu aprendi
O meu pai é quem contava antes da gente dormir
Diz que havia um menino ligeiro igual lambari
Tinha somente uma perna e morava numa caverna
E o seu nome era saci...

II

Essa história do menino que tornou-se uma lenda
Diz que foi há muitos anos num engenho de fazenda
Onde o pai era operário e na hora da merenda
O seu filhinho saci pulando daqui pra ali
Pegou a perna na moenda...

III

Por causa das traquinagens o saci ficou encantado
Invisível e ligeiro muito esperto e levado
Faz tranças nos animais pra poder andar montado
Vira cambota no pó e onde ele dá um nó
Difícilmente é deitado...

IV

O saci esconde no mato come broto de bambu
Ele vive assobiando e nunca está jururu
Veio de Minas Gerais e hoje está em Botucatu
De lá veio um casalzinho com o pito e o bonezinho
E de calçãozinho azul...

V

No folclore do Brasil o saci é altaneiro
Guardião das nossas matas apesar de ser arteiro
Personagem de um livro que escreveu o seu Monteiro
Eu conheço as suas manhas suas artes e façanhas

Conheço até saci violeiro.